

## 1. FEUERBACH

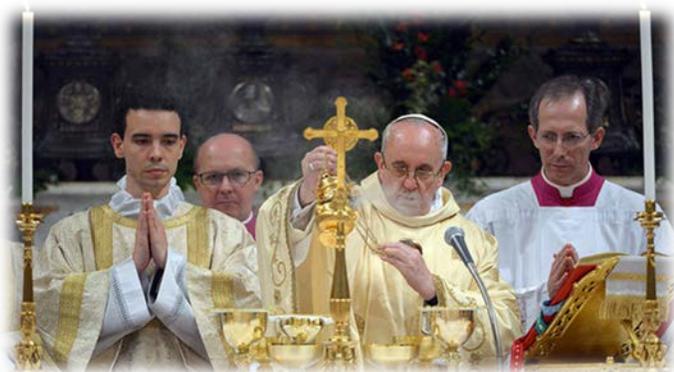


Ludwig Feuerbach (1804-1872) é, depois de Marx, o maior representante da esquerda hegeliana. Suas Lições sobre a essência da religião – apresentadas em Heidelberg em 1848 - foram publicadas em 1851. Em 1841 Feuerbach havia publicado sua obra mais importante: *A essência do cristianismo*. É aí que ele propõe aquela que ele próprio define como redução da teologia e da religião a antropologia.

### Não é Deus que cria o homem

Em 1837, Feuerbach era ainda fervoroso hegeliano. Mas, em 1839, as coisas já haviam mudado, porque no escrito *Pela crítica da filosofia hegeliana* há, sim, elogios a Hegel, mas também críticas: “Hegel começa com o ser, isto é, com o conceito de ser ou com o ser abstrato; por que eu não devo poder começar com o próprio ser, isto é, com o ser real?”

Para Feuerbach, Hegel “pôs de lado os fundamentos e as causas naturais, as bases da filosofia genético-crítica”. Mas uma filosofia que deixa de lado a natureza é vã especulação.



Em 1841 sai a obra mais importante de Feuerbach, *A essência do cristianismo*, na qual o autor efetua o que ele próprio define como a redução da teologia e da religião a antropologia. O interesse pela religião estava claro para Feuerbach desde o início, e permaneceu constante em todas as fases de seu pensamento, que ele assim esquematiza: “Meu primeiro pensamento foi Deus, meu segundo foi a razão, meu terceiro e último foi o homem”.

Hegel suprimira o Deus transcendente da tradição, substituindo-o pelo espírito, isto é, digamos, a realidade humana em sua abstração. Mas aquilo que interessa a Feuerbach não é uma ideia de humanidade, mas muito mais o homem real, que é, antes de mais nada,

natureza, corporeidade, sensibilidade, necessidade. Portanto, é preciso negar o idealismo, que é somente o extravio do homem concreto. E, com maior razão, é preciso negar o teísmo, já que não é Deus que cria o homem, e sim o homem que cria Deus.

### 6.2 A teologia é antropologia

Feuerbach admite com Hegel a unidade entre o finito e o infinito. Mas, em sua opinião, essa unidade não se realiza em Deus ou na ideia absoluta, e sim no homem, em um homem que a filosofia não pode reduzir a puro pensamento, mas sim deve considerar em sua inteireza, em sua naturalidade e em sua sociabilidade. E a religião sempre desempenhou um papel fundamental na história do homem concreto.

A filosofia não tem a função de negar ou ridicularizar esse grande fato humano que é a religião. Deve compreendê-lo. E o compreende, afirma Feuerbach, quando se dá conta de que a consciência que o homem tem de Deus é a consciência que o homem tem de si. Em outros termos, o homem põe suas qualidades, suas aspirações e seus desejos fora de si, afasta-se, aliena-se e constrói sua divindade.

A religião, portanto, está no relacionar-se do homem com sua própria essência (nisso consiste sua verdade), mas sua essência não como sua e sim como outra essência, separada e dividida dele, até oposta (nisso consiste sua falsidade). A religião, pois, é a projeção da essência do homem. Deus é o espelho do homem, afirma Feuerbach.

Na oração, o homem adora seu próprio coração; o milagre é o desejo sobrenatural realizado; “Os dogmas fundamentais do cristianismo são desejos realizados do coração”.

Para Feuerbach, a religião é fato humano, *totalmente humano*. E isso ainda que o homem religioso não tenha consciência do caráter humano do seu conteúdo, não admita que o seu conteúdo seja humano. Mas, comenta Feuerbach, assim como o homem pensa quais sejam os seus princípios, tal é o seu Deus: quanto o homem vale, tanto e não mais vale o seu Deus. Tu conheces o homem pelo seu Deus e, reciprocamente, Deus pelo homem; um e outro se identificam. Deus é o íntimo revelado, a essência do homem expressa; a religião é a revelação solene dos tesouros ocultos do homem, a profissão pública de seus segredos de amor.

É esse o sentido da tese de Feuerbach, segundo o qual o núcleo secreto da teologia é a antropologia. Diz ele que o homem desloca seu ser para fora de si antes de encontrá-lo em si. E esse encontro, essa aberta confissão ou admissão de que a consciência de Deus nada mais é do que a consciência da espécie, Feuerbach o vê como

reviravolta da história. Finalmente, na história o homem é Deus.

Assim, todas as qualificações do ser divino são qualificações do ser humano. O ser divino é unicamente o ser do homem libertado dos limites do indivíduo, isto é, dos limites da corporeidade e da realidade, mas objetivado, ou seja, contemplado e adorado como outro ser, distinto dele.

### 6.3 O “humanismo” de Feuerbach

Todavia - e essa pergunta não pode ser evitada -, por que o homem se alheia, por que constrói a divindade sem nela se reconhecer? Feuerbach responde: porque o homem encontra uma natureza insensível a seus sofrimentos, porque tem segredos que o sufocam; e, na religião, alivia seu próprio coração oprimido.

Eis, portanto, desvelado o mistério da religião: Feuerbach substitui o Deus do céu por outra divindade, o homem “de carne e de sangue”. E, assim, pretende substituir a moral que recomenda o amor a Deus pela moral que recomenda o amor ao homem em nome do homem. Essa é a intenção do humanismo de Feuerbach: a de transformar os homens de amigos de Deus em amigos dos homens, “de homens que crêem em homens que pensam, de homens que oram em homens que trabalham, de candidatos ao além em estudiosos do aquém, de cristãos - que, por seu próprio reconhecimento, são metade animais e metade anjos - em homens em sua inteireza”.

Inicialmente, a esquerda hegeliana usou Hegel contra a teologia e a filosofia tradicional. E, posteriormente, dirigiu suas críticas contra as “abstrações” hegelianas, em nome do homem concreto, do indivíduo em particular ou da política revolucionária.

Substancialmente, a esquerda hegeliana combateu a fé cristã em nome de uma metafísica imanentista, e as abstrações da filosofia hegeliana em nome da “concretude”.

## 2. SOCIALISMO UTÓPICO

### PIERRE-JOSEPH PROUDHON

Lênin escreveu que “o marxismo é o sucessor legítimo de tudo o que a humanidade criou de melhor durante o século XIX: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês”.

Esse “socialismo francês” é aquele que, com ou sem razão, foi depois chamado de *socialismo utópico*, e que relaciona entre seus pensadores mais significativos Saint-Simon, Fourier e Proudhon.

### A propriedade é um “furto”

Em 1840, Proudhon (1809-1865) publicou o famoso escrito *O que é a propriedade?*; em 1843, aparece *A criação da ordem na humanidade*; em 1846, *O sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria*; de 1858 são os três volumes de *A justiça na revolução e na Igreja*. Promotor de movimentos sindicais, mutualistas e pacifistas, Proudhon era simultaneamente adversário da propriedade privada tanto quanto do comunismo.

Proudhon vê que a economia burguesa tem como fundamento a propriedade privada.



Mas o que é a propriedade? Responde Proudhon: “A propriedade é furto”. Já se disse que tal resposta foi como que um tiro de pistola disparado de surpresa para chamar a atenção até do burguês tranquilo para a questão social.

A propriedade é furto, segundo Proudhon porque o capitalista não remunera o operário com todo o valor do seu trabalho. A “força coletiva”, resultante da força de muitos trabalhadores organizados, fornece produtividade muito mais alta do que aquela que se obteria da soma de simples trabalhos individuais. E esse o sentido da frase “a propriedade é furto”: o capitalista se apropria do valor do trabalho coletivo.

E a partir daí se cria a contradição fundamental entre capital e trabalho, contradição que leva o capitalista não só a se apropriar do trabalho do operário, mas também de sua própria existência. Para dizer a verdade, Proudhon não é contrário à propriedade enquanto tal, mas somente à propriedade que assegura “renda sem trabalho”.

A propriedade se justifica unicamente como condição de liberdade. Mas, quando está organizada de modo a tornar livres uns poucos (os capitalistas) em troca da escravidão de muitos (os trabalhadores), então ela é furto. Somente o trabalho é produtivo. E o operário pode certamente se apropriar do fruto do seu trabalho. Mas

isso é a *posse* e não a propriedade privada capitalista, que dá renda sem trabalho e escraviza muitos em favor de poucos.

### Justiça como lei do progresso social

A ordem socioeconômica burguesa, portanto, está errada e deve ser mudada. Mas em que rumo? Proudhon descarta logo a hipótese comunista, que sujeita a pessoa à sociedade. Para Proudhon, o comunismo é religião intolerante, orientada para a ditadura.

Diferentemente dos comunistas, ele prefere “fazer a propriedade queimar em fogo lento, ao invés de dar-lhe novas forças ao fazer uma noite de São Bartolomeu dos proprietários”.

Mas, se a hipótese comunista não funciona, a proposta individualista também não é adequada. Não é adequada porque é ilusório o desenvolvimento *sem limites* da liberdade dos indivíduos.

Sendo assim, Proudhon propõe *nova ordem social baseada na justiça*. E, em *A justiça na revolução e na Igreja*, define a justiça como “o respeito, experimentado espontaneamente e reciprocamente garantido, pela dignidade humana, em qualquer circunstância em que esteja envolvida, qualquer que seja o risco a que se exponha sua defesa”.

Segundo Proudhon, a justiça é a lei do progresso. Ela não pode ser só ideia, mas deve ser força ativa do indivíduo e da vida associada. Deve valer “como a primeira e última palavra do destino humano e coletivo, a sanção inicial e final de nossa bem-aventurança”.

Proudhon rejeita a concepção da justiça que a vê imposta ao homem a partir de fora, por Deus. Esta é a justiça da *revelação*, à qual Proudhon contrapõe a justiça da *revolução*, ou seja, aquela justiça *imane*nte à consciência e à história humana.

Para Proudhon, a justiça é imanente e progressiva.

### Crítica ao coletivismo e ao comunismo

E precisamente através da ideia de justiça Proudhon desfere crítica decisiva contra qualquer solução coletivista do problema econômico. Se todos os meios de produção são colocados nas mãos do Estado, então a liberdade dos indivíduos é limitada até o ponto da sufocação, aumentando a desigualdade social ao invés de diminuí-la.

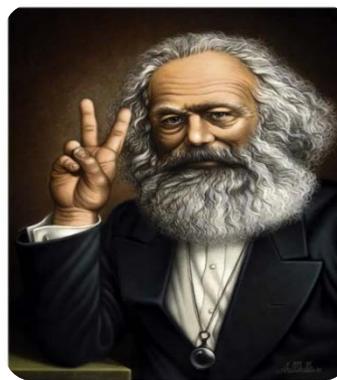
A ideia de Proudhon é de que o comunismo nunca poderá respeitar a dignidade da pessoa e os valores da família. O comunismo não elimina os males da propriedade privada, mas muito mais os leva à

exasperação. No comunismo, o Estado torna-se proprietário não só dos bens materiais, mas também dos cidadãos. O comunismo pretende nacionalizar não só as indústrias, mas também a vida dos homens. Ele é o anúncio do Estado de caserna e do despotismo policialesco.

Ao contrário, para Proudhon, trata-se de reorganizar a economia, fazendo com que os trabalhadores se tornem proprietários dos meios de produção e, portanto, tenham a possibilidade de autogerir o processo produtivo.

Desse modo, o tecido econômico da sociedade passa a se constituir como pluralidade de centros produtores, que se equilibram mutuamente.

### 3. KARL MARX



Karl Marx nasceu em Trier, em 15 de maio de 1818, filho de Heinrich, advogado, e de Henriette Pressburg, dona de casa. O pai e a mãe de Marx eram de origem judaica.

Em 15 de abril de 1841 laureou-se em filosofia, em Berlim, com a tese intitulada *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*.

Após o caminho universitário, Marx passou ao jornalismo, tornando-se redator da “Gazeta Renana”, órgão dos burgueses radicais da Renânia.

Em pouco tempo, Marx tornou-se redator-chefe do jornal. Entretanto, em 21 de janeiro de 1843, o jornal foi oficialmente interdito. Nesse período, Marx estudou Feuerbach, e ficou entusiasmado. No verão de 1843, escreveu a *Crítica do direito público de Hegel*, cuja introdução foi publicada em Paris, em 1844, nos “Anais franco-alemães”, fundados por Ruge, que convidou Marx para ser co-diretor.

Em Paris, Marx entrou em contato com Proudhon e Blanc, encontrou Heine e Bakunin e, sobretudo, conheceu Friedrich Engels, que seria seu amigo e colaborador por toda a vida.

De 1844 são seus *Manuscritos econômico-filosóficos* (publicados em 1932).

Nesse meio tempo, colaborou com o “Avante”, jornal dos artesãos comunistas, difundido na Alemanha. E precisamente por essa colaboração pagaria o preço de ser expulso da Franga (11 de janeiro de 1845). Nesse tempo, amadurecia seu afastamento da esquerda hegeliana. Em 1845 escreveu *A sagrada família*, trabalho

em colaboração com Engels e dirigido contra os hegelianos de esquerda.

Ainda contra eles, Marx e Engels escreveram em Bruxelas (onde Marx se havia refugiado depois de sua expulsão da França) *A ideologia alemã. As teses sobre Feuerbach* remontam a 1845 (mas Engels só as tornou públicas em 1888), ao passo que *A miséria da filosofia, resposta a Filosofia da miséria de Proudhon* é de 1847, escrito no qual Marx ataca o “socialismo utópico” em nome do “socialismo científico”. Marx permaneceu na Bélgica até 1848. E foi em janeiro de 1848 que ele ditou, juntamente com Engels, o famoso *Manifesto do partido comunista*, a pedido da “Liga dos comunistas”.

Desencadeado o movimento de 1848, Marx voltou por breve período a Colônia, onde fundou a “Nova Gazeta Renana”, que, porém, foi obrigada quase que imediatamente a suspender suas publicações.

De Colônia voltou para Paris, mas, tendo-lhe sido proibida a permanência na capital francesa, Marx partiu para a Inglaterra, lá chegando em 24 de agosto de 1849.

Na Inglaterra, Marx se estabeleceu em Londres, onde, entre dificuldades de toda sorte, conseguiu, com a ajuda financeira do seu amigo Engels, levar a bom termo todas aquelas pesquisas de economia, história, sociologia e política que constituem a base de *O Capital*, cujo primeiro volume saiu em 1867, ao passo que os outros dois foram publicados postumamente por Engels, respectivamente em 1885 e em 1894. Em 1859, saiu sua outra obra fundamental, a *Crítica da economia política*.

Empenhado na atividade de organização do movimento operário, Marx conseguiu fundar em 1864, em Londres, a “associação internacional dos trabalhadores” (a primeira Internacional), que, depois de vários contrastes e peripécias, dissolveu-se em 1872 (ainda que, oficialmente, sua dissolução só tenha sido decretada em 1876). A última década da vida de Marx também foi período de intenso trabalho. Em 1875 publicou a *Crítica ao programa de Gotha*, tomando como alvo as doutrinas de Lassalle. Mas, mais do que qualquer outra coisa, trabalhou em *O Capital*. Ele morreu em 14 de março de 1883, sendo sepultado três dias depois no cemitério londrino de Highgate.

### 3.1 Crítica à Hegel

O pensamento de Marx formou-se em contato e contra a filosofia de Hegel, as ideias da esquerda hegeliana, as obras dos economistas clássicos e as obras dos socialistas que ele próprio chamaria de “utópicos”.

Marx reconhece prontamente a profundidade em Hegel “neste seu começar por toda parte com a oposição das determinações”.

Entretanto, o afastamento de Marx em relação a Hegel torna-se claro desde seus primeiros escritos, a começar pela *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (1844), que critica a filosofia do direito de Hegel com base na situação histórica e política da Alemanha e na convicção de que “as instituições jurídicas e políticas e as diversas formas de Estado não podem se explicar por si mesmas e em virtude de um chamado desenvolvimento do espírito humano, mas são resultado das condições materiais de vida”.

Substancialmente, para Marx, a filosofia de Hegel interpreta o mundo de cabeça para baixo: é *ideologia*. Hegel raciocina como se as instituições existentes, como, por exemplo, a herança, derivassem de puras necessidades racionais, legitimando assim a ordem existente.

A realidade é que, segundo Marx, Hegel transforma em verdades filosóficas dados que são puros fatos históricos e empíricos.

E, assim, “por toda parte Hegel cai do seu espiritualismo político para o mais crasso materialismo”.

Marx, portanto, desfere contra Hegel duas acusações principais:

a) antes de mais nada, a de subordinar a sociedade civil ao Estado;

b) a de inverter o sujeito e o predicado: os indivíduos humanos, isto é, os sujeitos reais, tornam-se em Hegel predicados da “substância mística” universal. Mas, reafirma Marx, “como não é a religião que cria o homem, mas o homem que cria a religião, da mesma forma não é a constituição que cria o povo, mas o povo que cria a constituição”.

Assim, Hegel crê estar descrevendo a essência do Estado, ao passo que, de fato, está descrevendo e legitimando a realidade existente que é o Estado prussiano. Escreve Marx: “Hegel não deve ser censurado por descrever o ser do Estado moderno tal como é, mas sim por considerar aquilo que é como a essência do Estado”.

O problema, portanto, é que em Hegel, depois de ter concebido a essência ou substância da pera ou da maçã, até as peras reais tornam-se encarnações do fruto absoluto, ou seja, piras e maçãs aparentes.

### 3.2 Crítica à esquerda hegeliana

É preciso admitir que a esquerda hegeliana, pelo menos até 1843, foi um dos grupos intelectuais mais vivos e combativos da Europa. Não era um grupo homogêneo.

Mas, enquanto a direita hegeliana, em nome do pensamento de Hegel, procurava justificar o cristianismo e o Estado existente, a esquerda, sempre em nome da dialética hegeliana, transformava o idealismo em materialismo, fazia da religião cristã fato puramente

humano e combatia a política existente com base em posições “democrático-radicais”.

Entretanto, para Marx, isso era inteiramente insuficiente. Por isso, Marx e Engels, com *A sagrada família*, atacam sobretudo Bruno Bauer e, depois, com *A ideologia alemã*, estendem a polemica a Stirner e Feuerbach.

A convicção que está na base da esquerda hegeliana é a de que as “verdadeiras cadeias” dos homens estão em suas ideias, razão por que os jovens hegelianos pedem coerentemente aos homens, “como postulado moral, que substituam sua consciência atual pela consciência humana, crítica ou egoísta, desembaraçando-se assim de seus impedimentos. Essa exigência de modificar a consciência leva a outra exigência, a de interpretar diversamente o que existe, ou seja, reconhecê-lo através de uma interpretação diferente”. Pois bem, “apesar de suas frases, que, segundo eles, 'abalam o mundo', os jovens ideólogos hegelianos são os maiores conservadores”. Eles combatem contra as “frases” e não contra o mundo real do qual tais “frases” são o reflexo. Com efeito, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”.

Por tudo isso, também a esquerda hegeliana vê o mundo de cabeça para baixo; o pensamento dos jovens hegelianos, portanto, é um pensamento ideológico, como o de Hegel. Escreve Marx: “Não veio à mente de nenhum desses filósofos procurar o nexos existente entre a filosofia alemã e a realidade alemã, o nexos entre sua crítica e seu próprio ambiente material”.

Consequentemente, os jovens hegelianos nada tinham de radical. Como já escrevera Marx: “Ser radical significa colher as coisas pela raiz. Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem”. E a “libertação” do homem não avança reduzindo “a filosofia, a teologia, a substância e toda a imundície à 'autoconsciência’”, ou libertando o homem do domínio dessas frases.

“A libertação é ato histórico e não ato ideal, concretizando-se por condições históricas, pelo estado da indústria, do comércio, da agricultura”. Os jovens hegelianos mantêm a teoria separada da práxis; Marx as une.

### 3.3 Crítica aos economistas clássicos



Na opinião de Marx, a anatomia da sociedade civil é fornecida pela economia política. E acerta suas contas com os economistas clássicos (Smith, Ricardo, Pecqueur,

Say) com os Manuscritos econômico-filosóficos, de 1844 (antes de fazê-lo em *O Capital*).

Marx deve muito ao trabalho desses economistas, sobretudo às análises de Ricardo.

Escreve Lênin: “Adam Smith e David Ricardo lançaram as bases da teoria segundo a qual o valor deriva do trabalho. Marx continuou a obra deles, deu rigorosa base científica e desenvolveu de modo coerente essa teoria. Ele demonstrou que o valor de toda mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário ou do tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção”. E prossegue: “Mas onde os economistas burgueses viam relações entre objetos (troca de uma mercadoria por outra), Marx descobriu relações entre homens”.

Em outros termos, a economia política vê nas leis que ela evidencia leis eternas, leis imutáveis da natureza. E não percebe que, desse modo, absolutiza e justifica um sistema de relações existentes em determinado estágio da história humana. Ou seja, transforma um fato em lei - em lei eterna. É ideologia.

Marx conclui, a partir do estudo dos economistas clássicos, que à máxima produção de riqueza corresponde o empobrecimento máximo do operário. Pois bem, a economia política nos diz que as coisas são assim, mas não nos diz por que são assim - e, portanto, nem se propõe a questão da sua mudança.

Escreve Marx: “A economia política parte do fato da propriedade privada. Não a explica. Expressa o processo material da propriedade privada, o processo que se dá na realidade, em formulas gerais e abstratas, que depois faz valer como leis. Ela não compreende essas leis, isto é, não mostra como elas derivam da essência da propriedade privada”.

Para a economia política “vale como razão última o interesse do capitalista: isto é, ela supõe aquilo que deve explicar.”

Marx, ao contrário, procura explicar o surgimento da propriedade privada e tenta mostrar que ela é fato e não lei, muito menos lei eterna. A realidade, diz Marx, é que o capital é “a propriedade privada dos produtos do trabalho alheio”. A propriedade privada não é dado absoluto que se deva pressupor em toda argumentação. Ela é muito mais “o produto, o resultado e a consequência necessária do trabalho expropriado. A propriedade privada é fato que deriva da alienação do trabalho” humano.

Como na religião, afirma Marx, “quanto mais o homem põe em Deus, menos conserva em si mesmo. O operário põe sua vida no objeto: e ela deixa de pertencer a ele, passando a pertencer ao objeto”. E esse objeto, o seu produto, “existe fora dele, independente, estranho a ele, como que uma potência econômica diante dele; e a

vida, por ele dada ao objeto, agora o confronta, estranha e inimiga”.

### 3.4 Crítica ao socialismo utópico

No *Manifesto do partido comunista*, Marx e Engels distinguem seu socialismo científico dos outros tipos de socialismo, isto é, do socialismo revolucionário, do socialismo burguês e, particularmente, do socialismo e comunismo crítico-utópico, cujos expoentes são Babeuf, Saint-Simon, Fourier e Owen.

Para Marx e Engels, estes últimos têm méritos indubitáveis: viram “o antagonismo das classes e também a eficácia dos elementos dissolventes no seio da própria sociedade dominante”. Além disso, eles forneceram material muito precioso para a iluminação dos operários.

Todavia, e aí está seu mais grave defeito, não viram nenhuma atividade histórica autônoma por parte do proletariado.

Consequentemente, não descobriram nem mesmo as condições materiais para a emancipação do proletariado. Desse modo, resvalam para o utopismo: criticam a sociedade capitalista, condenam-na e maldizem-na, mas não sabem encontrar caminho de saída. De fato, acabam por se identificar com a conservação.

A esses tipos de socialismo, Marx e Engels contrapõem seu próprio socialismo “científico” que, teria descoberto a lei de desenvolvimento do capitalismo e, portanto, poderia realmente resolver os seus males.

A propósito, Engels escrevera: “Devemos a Karl Marx a concepção materialista da história e a revelação do mistério da produção capitalista, através da mais-valia. Ambas fizeram do socialismo uma ciência”.

### 3.5 Crítica à Proudhon

Proudhon figura no *Manifesto do partido comunista* como exemplo típico de socialista conservador ou burguês. E a *Miséria da filosofia* é a sarcástica inversão do título da obra de Proudhon *Sistema das contradições econômicas*, ou a *filosofia da miséria*.

Entretanto, na “Gazeta Renana”, Marx julgara positivamente o escrito de Proudhon *O que é a propriedade?*

Como é que, no decorrer de poucos anos, Marx muda de opinião sobre Proudhon? O que aconteceu?

Aconteceu que, nesse período de tempo, Marx estabelecera os traços de fundo de sua concepção materialista-dialética da história. E, a partir dessa perspectiva, devia considerar Proudhon como moralista utópico, incapaz de compreender o movimento da história e mais incapaz ainda de influir sobre ele.

Antes de mais nada, na opinião de Marx, Proudhon não percebe que a concorrência capitalista tem consequências inevitáveis e, em sua tentativa de eliminar seus “lados maus”, substitui a análise econômica pela atitude moralista: mas não se pode trocar a realidade por desejos e lamentações.

E o fato é ainda mais grave se considerarmos que as contradições das diversas épocas históricas não são simples defeitos, elimináveis por obras de bom senso ou pelo senso de justiça. São condições necessárias para o desenvolvimento social e para a passagem de uma forma de sociedade para outra forma de sociedade mais madura.

Em conclusão, Marx faz valer contra Proudhon a ideia de que o processo histórico tem dinâmica própria, determinada pelo progresso tecnológico: “O moinho braçal vos dará a sociedade com o senhor feudal, e o moinho a vapor a sociedade com o capitalista industrial”.

E a dinâmica do desenvolvimento histórico se realiza por meio da luta de classes.

Por isso, o moralismo não adianta. Não se resolvem as contradições sociais eliminando uma das partes em luta, mas somente estimulando a luta até o fim.

A questão, portanto, não está, como queria Proudhon, em dividir a propriedade entre os trabalhadores, mas em suprimi-la completamente através da revolução vitoriosa da classe operária.

### 3.6 Crítica à religião

Feuerbach sustentara que a teologia e antropologia. Sobre esse ponto, sobre esse humanismo materialista, Marx está de acordo com Feuerbach.

Entretanto, na opinião de Marx, Feuerbach deteve-se diante do problema principal e não o resolveu. E o problema é o de entender por que o homem cria a religião.

A resposta a esse problema, segundo Marx, é a seguinte: os homens alienam seu ser projetando-o em um Deus imaginário somente quando a existência real na sociedade de classes impede o desenvolvimento e a realização de sua humanidade. Disso deriva que, para superar a alienação religiosa, não basta denunciá-la, mas é preciso mudar as condições de vida que permitem a “quimera celeste” surgir e prosperar. Feuerbach, portanto, não viu que “até o 'sentimento religioso' é produto social e que o indivíduo abstrato que ele analisa pertence a determinada forma social”.

É o homem que cria a religião. Mas, diz Marx, “o homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, que é consciência invertida do mundo, porque também são um mundo invertido. A religião é a teoria invertida deste mundo. Assim, torna-se evidente que a luta contra a

religião é a luta contra aquele mundo do qual a religião é o aroma espiritual.

Existe o mundo fantástico dos deuses porque existe o mundo irracional e injusto dos homens. “A miséria religiosa é a expressão da miséria real em um sentido e, em outro, é o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, o espírito de situações em que o espírito está ausente. Ela é o ópio do povo”.



Marx não ironiza o fenômeno religioso, a religião não é para ele a invenção de padres enganadores, mas muito mais obra da humanidade sofredora e oprimida, obrigada a buscar consolação no universo imaginário da fé. Mas as ilusões não se desvanecem se não eliminarmos as situações que as criam e exigem.

Escreve Marx nas *Teses sobre Feuerbach*: “Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de modos diversos; agora, trata-se de transformá-lo”.

Substancialmente, a primeira função de uma filosofia a serviço da história, segundo Marx, é a de desmascarar a auto-alienação religiosa, “mostrando suas formas que nada tem de sagradas”. Essa é a razão por que “a crítica do céu se transforma [...] em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, a crítica da teologia em crítica da política”.

### 3.7 A alienação do trabalho

Mediante Feuerbach, Marx passa da crítica do céu à crítica da terra. Aqui, porém, “em terra firme e redonda”, ele não encontra um homem que *se faz* ou *se realiza* transformando ou humanizando a natureza no sentido das necessidades, dos conceitos ou dos projetos e planos do próprio homem, juntamente com outros homens. O que encontra são homens alienados, ou seja, expropriados de seu valor de homens por obra da expropriação ou alienação de seu trabalho.

Na realidade, “a aranha realiza operações que se assemelham às do tecelão, e a abelha envergonha muitos arquitetos com a construção de suas casinhas de cera. Mas o que desde o princípio distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que ele construiu a casinha em

sua cabeça antes de construí-la de cera. No fim do processo de trabalho, emerge um resultado que no início já estava presente na ideia do trabalhador e que, portanto, já estava idealmente presente.

Não que ele efetue somente a mudança de forma do elemento natural, pois aqui realiza o próprio objetivo, que ele conhece, e determina como lei o modo do seu operar, escreve Marx em *O Capital*.

Para ele, tudo isso significa que o homem pode viver humanamente, isto é, fazer-se enquanto homem, precisamente humanizando a natureza segundo suas necessidades e suas ideias, juntamente com os outros homens. O trabalho social é antropógeno. E distingue o homem dos outros animais: com efeito, o homem pode transformar a natureza, objetivar-se nela e humanizá-la, pode fazer dela seu corpo inorgânico.



Entretanto, se olharmos para a história e a sociedade, veremos que o trabalho não é mais feito, juntamente com os outros homens, pela necessidade de apropriação da natureza externa, veremos que não é mais realizado pela necessidade de objetivar a própria humanidade, as próprias ideias e projetos, na matéria-prima.

O que vemos é que o homem trabalha pela sua pura subsistência. Baseada na divisão do trabalho, a propriedade privada torna o trabalho constritivo. Ao operário aliena-se a matéria-prima; alienam-se os seus instrumentos de trabalho; o produto do trabalho lhe é arrancado; com a divisão do trabalho, é mutilado em sua criatividade e humanidade. O operário é mercadoria nas mãos do capital. Isso é a *alienação do trabalho*, da qual, segundo Marx, derivam todas as outras formas de alienação, como a alienação política (na qual o Estado se ergue acima e contra os homens concretos) ou a religiosa.

Para ele, a superação dessa situação, na qual o homem é transformado em ser bruto, realiza-se através da luta de classes, que eliminará a propriedade privada e o trabalho alienado.

Mas em que consiste, mais exatamente, a alienação do trabalho? “Consiste antes de mais nada no fato de que o trabalho é externo ao operário, isto é, não pertence ao ser dele e, portanto, ele não se afirma em seu trabalho, mas se nega, não se sente satisfeito, mas infeliz, não desenvolve energia física e espiritual livre, mas define seu corpo e destrói seu espírito. Por isso, somente fora do trabalho é que o operário sente-se senhor de si; no trabalho, ele se sente fora de si. Sente-se em sua própria casa se não está trabalhando; e, se está trabalhando, não se sente em sua própria casa. Seu trabalho, portanto, não é voluntário, mas constricto: é trabalho forçado. Não constitui, assim, a satisfação de uma necessidade, mas somente meio para satisfazer necessidades estranhas”.

Por tudo isso, o homem sente-se livre apenas em suas funções animais (comer, beber, procriar, ou ainda morar em casa ou se vestir), sentindo-se como nada além de animal em suas funções humanas, isto é, no trabalho.

A alienação do trabalho faz com que “o operário se torne tanto mais pobre quanto maior é a riqueza que produz, quanto mais sua produção cresce em potência e extensão.

O operário torna-se mercadoria tanto mais vil quanto maior é a quantidade de mercadorias que produz”. Mas as coisas não param por aí, já que “a alienação do operário em seu produto significa não apenas que seu trabalho se torna objeto, algo que existe exteriormente, mas também que ele existe fora dele, independente dele, estranho a ele, tornando-se diante dele como que um poder em si mesmo, o que significa que a vida que ele deu ao objeto agora se lhe contrapõe como hostil e estranha”.

Para concluir, a alienação do operário no seu objeto se expressa no fato de que “quanto mais o operário produz, menos tem para consumir; quanto maior valor produz, tanto menor valor e menor dignidade possui; quanto mais belo é o seu produto, tanto mais disforme torna-se o operário; quanto mais refinado é o seu objeto, tanto mais bárbaro ele se torna; quanto mais forte é o trabalho, mais fraco ele fica; quanto mais espiritual é seu trabalho, mais ele se torna material e escravo da natureza”.

### 3.8 Materialismo histórico

A teoria da alienação do trabalho introduz à outra teoria fundamental de Marx, que é o materialismo histórico. Como Marx escreveu no Prefácio a Para a crítica da economia política, o materialismo histórico consiste na tese segundo a qual “não é a consciência dos homens que determina o ser deles, mas, ao contrário, é o ser social deles que determina a consciência deles”.

Isso leva a especificar a relação existente entre estrutura econômica e superestrutura ideológica. Na ideologia alemã lemos: “A produção das ideias, das representações da consciência, em primeiro lugar, está diretamente entrelaçada a atividade material e as relações materiais dos homens, linguagem da vida real. As representações e os pensamentos, bem como o intercâmbio espiritual dos homens, ainda aparecem aqui como emanção direta do seu comportamento material. E, do mesmo modo, isso vale para a produção espiritual, como ela se manifesta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião etc. de um povo”.

Os homens são os produtores de suas representações, ideias etc., mas, precisa Marx, são “Os homens reais, operantes, assim como são condicionados por determinado desenvolvimento de suas forças produtivas”.

Em poucas palavras: **“O modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo social, político e espiritual da vida”.**

A descoberta dessa teoria, isto é, do condicionamento da superestrutura pela estrutura econômica, serviu a Marx como “fio condutor” de seus estudos, que lhe mostraram que, “com a mudança da base econômica, transforma-se mais ou menos rapidamente toda a gigantesca superestrutura”.

Portanto, como escreve Marx, os homens podem distinguir-se dos animais pela religião, pela consciência ou pelo que se quiser, “mas eles começaram a se distinguir dos animais quando começaram a produzir seus meios de subsistência”. E aquilo que “os indivíduos são depende das condições materiais de sua produção”.

A essência do homem, portanto, está em sua atividade produtiva. A primeira ação histórica do homem deve ser vista na criação dos meios adequados para satisfazer suas necessidades vitais. E a satisfação de uma necessidade gera outras. Por isso, quando as necessidades aumentam, a família não basta mais: criam-se outras relações sociais; então, tanto o aumento da produtividade como as necessidades acrescidas e o aumento da população criam a divisão do trabalho. E a divisão do trabalho em trabalho manual e intelectual, por um lado, faz nascer a ilusão de que a consciência ou o espírito seja algo separado da matéria e da história, e, por outro lado, gera uma classe que vive do trabalho alheio.

Tudo isso para dizer que a história verdadeira e fundamental é a dos indivíduos reais, de sua ação para transformar a natureza e de suas condições materiais de vida, “tanto das que eles já encontraram existindo como das produzidas por sua própria ação”.

A consciência e as ideias derivam dessa história e se entrelaçam com ela: “a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra forma ideológica” não são autônomas e

propriamente não têm história, pois, quando muda a base econômica, mudam com ela. Como escrevem Marx e Engels: “As ideias dominantes de uma época foram sempre as ideias da classe dominante”. E essas ideias, precisamente, são ideologia, visão da realidade histórica de cabeça para baixo, justificação - através das leis, da moral, da filosofia etc. - da ordem social existente.

### 3.9 Materialismo dialético

Escrevem Marx e Engels em *A ideologia alemã*: “Nós conhecemos apenas uma única ciência: a ciência da história.”

O materialismo de Marx é materialismo histórico. E, como fio condutor para o estudo da história, ele apresenta a teoria pela qual as ideias jurídicas, morais, filosóficas, religiosas etc, dependem, são condicionadas ou são o reflexo e a justificação da estrutura econômica, de modo que, se a estrutura econômica muda, haverá transformação correspondente na superestrutura ideológica.

Existe, portanto, uma relação de determinação ou, de qualquer modo, de condicionamento por parte da estrutura econômica sobre a superestrutura constituída pelas produções mentais dos homens, isto é, sobre sua consciência ou, melhor ainda, sobre sua consciência social.

Mas o materialismo de Marx é também e sobretudo materialismo dialético, que tem suas raízes no sistema hegeliano. Na realidade, Marx reconhece como mérito de Hegel o de “começar por toda parte com a oposição das determinações e enfatizá-la”. Mas, como a alienação não é para Marx figura especulativa, e sim a condição histórica em que o homem se encontra em relação à propriedade privada dos meios de produção, da mesma forma também a dialética - entendida hegelianamente como síntese dos contrários - é assumida por Marx, só que ele a inverte.

Escreve ele no Prefácio à segunda edição de *O Capital*: “Para Hegel, o processo do pensamento, que ele transforma até em sujeito independente, com o nome de ideia, é o demiurgo do real, que, por seu turno, constitui somente o fenômeno exterior da ideia ou processo do pensamento. Para mim, ao contrário, o elemento ideal nada mais é do que o elemento material transferido e traduzido no cérebro dos homens. A mistificação à qual subjaz a dialética nas mãos de Hegel não lhe tira, de modo algum, o mérito de ter sido o primeiro a expor ampla e conscientemente as formas gerais da própria dialética. Somente que, nele ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso invertê-la para descobrir o núcleo racional dentro da casca mística”.

Assim, a dialética permite a Marx compreender o movimento real da história e, portanto, também o estado existente de coisas. Mas, simultaneamente, também permite a compreensão do “crepúsculo necessário” desse estado de coisas, “porque concebe toda forma ocorrida no fluir do movimento e, portanto, também no seu lado transitório, porque nada pode intimidá-la: ela é crítica e revolucionária por essência”.

O confronto entre o estado de coisas existente e sua negação é inevitável - e esse confronto se resolverá com a superação do estado existente de coisas.

Marx inverte a dialética hegeliana, “pondo-a de pé”; ele a transporta das ideias para a história, da mente para os fatos, da “consciência infeliz” para a “realidade social em contradição”.

Substancialmente, em sua opinião, todo momento histórico gera contradições em seu seio, e estas constituem a mola do desenvolvimento histórico.

Reivindicando para *O Capital* o mérito de ser “a primeira tentativa de aplicação do método dialético à economia política”, Marx sustenta que a dialética é a lei do desenvolvimento da realidade histórica, e que essa lei expressa a inevitabilidade da passagem da sociedade capitalista para a sociedade comunista, com o conseqüente fim da exploração e da alienação.

### 3.10 A luta de classe

#### 3.10.1 Burguesia e proletariado

No *Manifesto do partido comunista*, Marx e Engels escrevem: “A história de toda sociedade que existiu até o momento é a história da luta de classes. Livres e escravos, patrícios e plebeus, barões e servos da gleba, membros das corporações e aprendizes, em suma, opressores e oprimidos, estiveram continuamente em mútuo contraste e travaram luta ininterrupta, ora latente, ora aberta, luta que sempre acabou com transformação revolucionária de toda a sociedade ou com a ruína comum das classes em luta”.

Opressores e oprimidos: eis, portanto, o que Marx vê no desenrolar da história humana em sua totalidade. E nossa época, a época da burguesia moderna, não eliminou em absoluto o antagonismo das classes; pelo contrário, simplificou-o, visto que “toda a sociedade vai se dividindo cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente contrapostas uma à outra: burguesia e proletariado”.

Em nota a edição inglesa do Manifesto, de 1888, Engels explica que, por **burguesia**, entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção e empregadores de assalariados. Por **proletariado** se entende, ao invés, a classe dos

assalariados modernos que, não tendo meios de produção próprios, são obrigados a vender sua força de trabalho para viver.

### 3.10.2 Da sociedade feudal à burguesa

Pois bem, a classe burguesa surge no interior da sociedade feudal, representa a sua negação e a supera. Os primeiros elementos da burguesia desenvolveram-se a partir dos servos da gleba na Idade Média.

Depois, a descoberta da América, a circunavegação da África e o intercâmbio com as colônias deram à empreendedora classe burguesa e a indústria impulso sem precedentes e, “com isso, imprimiram rápido desenvolvimento ao elemento revolucionário dentro da sociedade feudal em desagregação”.

O exercício da indústria, feudal ou corporativa, até então em uso, não foi mais suficiente. Em seu lugar, apareceu a manufatura: “O segmento industrial médio suplantou os mestres artesãos; a divisão do trabalho entre as diversas corporações desapareceu diante da divisão do trabalho dentro da própria fábrica”.

Nesse meio tempo, cresciam os mercados. A manufatura também deixou de ser suficiente. Foi “então que o vapor e as máquinas revolucionaram a produção industrial. A indústria manufatureira foi substituída pela grande indústria moderna; em lugar do segmento industrial médio, entraram os milionários da indústria, os chefes de inteiros exércitos industriais, os burgueses modernos”. Assim, a burguesia moderna “empurrou para fora do palco todas as classes herdadas da Idade Média”.

Essa é a razão por que a burguesia “teve na história papel sumamente revolucionário”.

Com efeito, quando as relações feudais da propriedade não corresponderam mais às forças produtivas que se haviam desenvolvido, elas se transformaram em cadeias, que deviam ser e foram quebradas”. Em seu lugar, apareceu a livre concorrência, com sua correspondente constituição social e política, “sob o domínio econômico e político da classe dos burgueses”.

### 3.10.3 Da sociedade burguesa à hegemonia do proletariado

Entretanto, precisamente pela lei da dialética, como a burguesia é a contradição interna do feudalismo, assim também o proletariado é a contradição interna da burguesia.

Com efeito, “a propriedade privada, como riqueza, é obrigada a manter-se viva e, com isso, a manter vivo seu termo antitético, o proletariado”. Em suma, a burguesia se desenvolve e cresce como tal alimentando

em si mesma o proletariado: “na mesma proporção que se desenvolve a burguesia, isto é, o capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, que só vivem enquanto encontram trabalho, e que só encontram trabalho à medida que o seu trabalho aumenta o capital”.

Desse modo, “as armas que serviram à burguesia para enterrar o feudalismo voltam-se contra a própria burguesia”. Assim como, para o senhor feudal, foi inútil defender os direitos feudais diante daquela sua criatura que era a burguesia, agora também é inútil para a burguesia trabalhar em prol da conservação de seus direitos sobre o proletariado. A realidade é que “a burguesia não apenas fabricou as armas que a levarão a morte, mas também gerou os homens que empunharão aquelas armas: os operários modernos, os proletários”.

Em lugar de operários isolados e em concorrência, o progresso da grande indústria cria uniões de operários organizados e conscientes de sua própria força e missão. E “quando a teoria ganha as massas, ela se torna violência revolucionária”.

A burguesia, portanto, produz seus coveiros. A sua decadência e a vitória do proletariado são conjuntamente inevitáveis.

E a demonstração da inevitabilidade da vitória do proletariado e da decadência da burguesia é apresentada por Marx em *O Capital*, cujo fim último é o de “revelar a lei econômica do movimento da sociedade moderna”.

## 3.11 O capital

### 3.11.1 O valor das mercadorias é determinado pelo trabalho

A análise de *O Capital* inicia-se com a análise da mercadoria. Pois bem, a mercadoria tem duplo valor: **valor de uso** e **valor de troca**. O valor de uso de uma mercadoria (como, por exemplo, vinte quilos de café, urna roupa, um par de óculos, uma arroba de trigo) baseia-se na qualidade da mercadoria, que, precisamente em função de sua qualidade, satisfaz mais a uma necessidade que a outra. Entretanto, vemos que, no mercado, as mercadorias mais diferentes são trocadas entre si. Vinte quilos de café, por exemplo, são trocados por vinte metros de tecido. Mas o que têm em comum duas mercadorias tão diferentes para que possam ser trocadas? Elas apresentam em comum precisamente o que se chama **valor de troca**.

O valor de troca é algo de idêntico existente em mercadorias diferentes, que as tornam passíveis de troca em dadas proporções mais do que em outras. Mas em que consiste então o valor de troca de uma mercadoria?

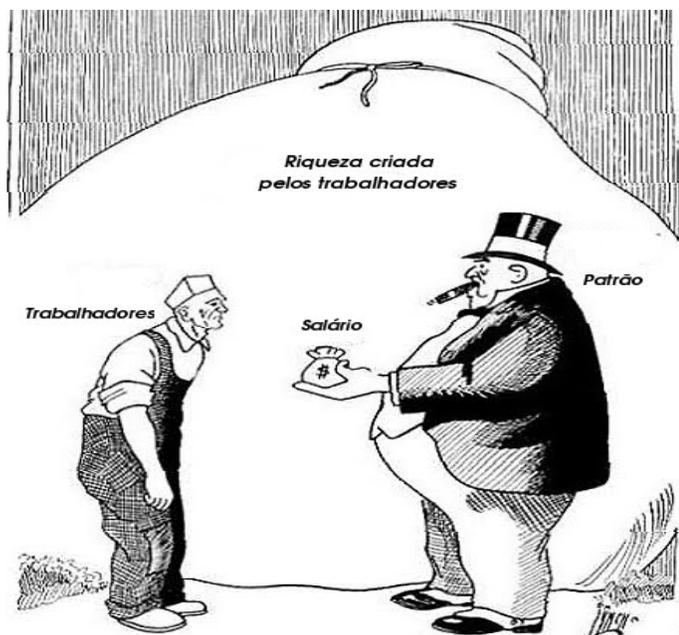
Como diz Marx, esse valor é dado pela “quantidade de trabalho socialmente necessária” para produzi-la. Em essência, “como valores, todas as mercadorias são apenas medidas determinadas de tempo de trabalho nelas empregado”.

Para maior facilidade das trocas, a troca direta foi substituída pela moeda. Mas, faça-se a troca diretamente ou através da moeda, uma mercadoria não pode ser trocada por outra se o trabalho necessário para produzir a primeira não é igual ao trabalho necessário para produzir a segunda.

Tudo isso mostra que falar da mercadoria em si sem atentar para o fato de que ela é fruto do trabalho humano acaba transformando-a em **fetichê**. A realidade é que o intercâmbio de mercadorias não é tanto uma relação entre coisas, mas muito mais uma relação entre produtores, entre homens. E é isso o que a economia clássica parece esquecer.

O valor de troca de uma mercadoria, portanto, é dado pelo trabalho social necessário para produzi-la. Mas o trabalho (a força de trabalho) também é mercadoria que o proprietário da força de trabalho (o proletário) vende no mercado, em troca do salário, ao proprietário do capital, isto é, o capitalista. E o capitalista paga justamente, por meio do salário, a mercadoria (força de trabalho) que adquire: ele a paga segundo o valor que tal mercadoria tem, valor que é dado (como qualquer outra mercadoria) pela quantidade de trabalho necessário para produzi-la, ou seja, pelo valor das coisas necessárias para manter em vida o trabalhador e sua família.

### 3.11.2 Mais-valia



Entretanto, a força de trabalho é mercadoria inteiramente especial, já que é mercadoria cujo valor

próprio de uso tem a propriedade peculiar de ser fonte de valor.

Em outros termos, aquela mercadoria que é a força de trabalho não somente tem seu valor, mas também tem a propriedade de produzir valor.

Com efeito, tendo comprado a força de trabalho, o possuidor dos meios de produção tem o direito de consumi-la, isto é, de obrigá-la a trabalhar, por exemplo, por doze horas; mas em seis horas (tempo de trabalho “necessário”), o operário cria produtos que são suficientes para cobrir as despesas com sua própria manutenção, ao passo que, nas seis horas restantes (tempo de trabalho “suplementar”), cria um produto que o capitalista não paga. E esse produto suplementar não pago pelo capitalista ao operário é aquilo que Marx chama de mais-valia.

### 3.11.3 O processo de acumulação capitalista

Desse modo (depois de ter distinguido o capital constante - investido para a aquisição dos meios de produção, como a maquinaria e as matérias-primas - do capital variável, investido na aquisição da força de trabalho), a fórmula geral com que Marx representa o processo de produção capitalista é a seguinte:

**D-M-D'**

onde D é o dinheiro despendido para a aquisição das mercadorias M (meios de produção e força de trabalho) e D' é o dinheiro ganho, que, graças à mais-valia que não foi paga pelo capitalista, será maior do que D.

No processo de produção capitalista, portanto, o dinheiro produz dinheiro em maior quantidade do que o dinheiro despendido.

A mais-valia não é consumida pelo capitalista para suas necessidades ou para seus caprichos: é reinvestida, para que ele não sucumba na concorrência. Desse modo, a acumulação do capital, se, por um lado, concentra a riqueza nas mãos de número sempre menor de capitalistas, por outro lado - através da eliminação de operários por meio de novas máquinas, gera sempre mais miséria no “exército de trabalho de reserva”.

Marx caracteriza essa tendência histórica de acumulação capitalista com as seguintes expressões, que se tornaram célebres: “Cada capitalista destrói muitos outros. Com a diminuição constante do número de magnatas do capital que usurpam e monopolizam todas as vantagens desse processo de transformação, cresce a massa da miséria, da pressão, da subjugação, da degeneração e da exploração, mas também cresce a revolta da classe operária, que aumenta cada vez mais e é disciplinada, unida e organizada pelo próprio mecanismo

do processo de produção capitalista. O monopólio do capital torna-se vínculo do modo de produção. A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho alcançam um ponto em que se tornam incompatíveis com seu envoltório capitalista. E ele se rompe. Soa então a última hora da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados”.

### 3.12 O advento do comunismo

#### 3.12.1 A passagem necessária de uma sociedade classista para uma sem classe

O feudalismo produziu a burguesia. E a burguesia, para existir e desenvolver-se, deve produzir em seu seio quem a levará a morte, isto é, o proletariado. Com efeito, o proletariado é a antítese da burguesia. Ao longo da via-crúcis da dialética, o proletariado leva em seus ombros a cruz da humanidade inteira. A aurora da revolução é um dia inevitável. E esse dia, que marcará o triunfo do proletariado, será o dia da ressurreição de toda a humanidade.



Com a mesma fatalidade que preside os fenômenos da natureza, diz Marx, a produção capitalista gera sua própria negação.

E é assim que se passa da sociedade capitalista para o comunismo. Mas essa não é passagem que se faz através de “pregações moralizadoras”, que para nada servem: “A classe operaria não tem nenhum ideal a realizar”. Trata-se de passagem *necessária* para uma sociedade sem propriedade privada e, portanto, sem classes, sem divisão do trabalho, sem alienação e, sobretudo, sem Estado. Para Marx, o comunismo é “o retorno completo e consciente do homem a si mesmo, como homem social, isto é, como homem humano”.

Para dizer a verdade, Marx não adianta muito como será a nova sociedade, que, depois da derrubada da sociedade capitalista, só poderá se realizar por etapas. No início, ainda haverá certa desigualdade entre os homens. Mas depois, mais tarde, quando desaparecer a divisão

entre trabalho manual e trabalho intelectual, e quando o trabalho se houver tornado necessidade e não meio de vida, então, escreve Marx na *Crítica ao programa de Gotha* (1875), a nova sociedade “poderá escrever em sua bandeira: de cada qual segundo sua capacidade, a cada qual segundo suas necessidades”.

Para Marx, esse seria o comunismo autêntico, que, nos Manuscritos de 1844, distinguia do comunismo grosseiro, que não consiste na abolição da propriedade privada e sim na atribuição da propriedade privada ao Estado, o que reduziria todos os homens a proletários e negaria “a personalidade do homem” em toda parte.

Na realidade, Marx pensava que, abolida a propriedade privada, o poder político se reduziria gradualmente, até se extinguir, porque o poder político nada mais seria que a violência organizada de uma classe para a opressão da outra.

#### 3.12.2 A ditadura do proletariado

Isso, no entanto, não se realizara de imediato.

O que logo teremos será a ditadura do proletariado, que usará seu domínio “para concentrar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante”.



Isso, obviamente, poderá ocorrer através de intervenções despóticas que, nas diversas situações, levarão a procedimentos como os seguintes:

- “1) expropriação da propriedade fundiária e emprego da renda fundiária para as despesas do Estado;
- 2) impostos fortemente progressivos;
- 3) abolição do direito de sucessão;
- 4) confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes;
- 5) concentração do crédito nas mãos do Estado, mediante um banco nacional com capital do Estado e monopólio exclusivo;
- 6) concentração de todos os meios de transporte nas mãos do Estado;

7) multiplicação das fábricas nacionais e dos instrumentos de produção, desbravamento e melhoria das terras segundo um plano coletivo;

8) obrigação de trabalho igual para todos; constituição de exércitos industriais, especialmente para a agricultura;

9) unificação do exercício da agricultura e da indústria, medidas adequadas para eliminar gradualmente o antagonismo entre cidade e campo;

10) instrução pública e gratuita de todas as crianças. Eliminação do trabalho das crianças nas fábricas em sua forma atual.

Combinação da instrução com a produção material e assim por diante”.

A realização dessas medidas deveria ser a fase intermediária da transição da sociedade burguesa para a sociedade comunista.

Posteriormente, ter-se-ia o “salto para a liberdade”; então, “a velha sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos entre as classes, sucede uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é condição para o livre desenvolvimento de todos”.

## QUESTÕES

**1. (UFU 2010)** Para Marx, o materialismo histórico é a aplicação do materialismo dialético ao campo da história. Conforme Aranha e Arruda (2000) “Marx inverte o processo do senso comum que pretende explicar a história pela ação dos ‘grandes homens’ ou, às vezes, até pela intervenção divina. Para o marxismo, no lugar das ideias, estão os fatos materiais; no lugar dos heróis, a luta de classes”.

Assim, para compreender o homem é necessário analisar as formas pelas quais ele reproduz suas condições de existência, pois são estas que determinam a linguagem, a religião e a consciência.

(ARANHA, M. L. de A. e MARTINS, M. H. P. *Filosofando*: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2000, p. 241.)

A partir da explicação acima e dos seus conhecimentos sobre o pensamento de Karl Marx, assinale a alternativa que indica, corretamente, os dois níveis de “condições de existência” para Marx.

A) Infraestrutura (ou estrutura), caracterizada pelas relações dos homens entre si e com a natureza; e superestrutura, caracterizada pelas estruturas jurídico-políticas e ideológicas.

B) Infraestrutura (ou estrutura), caracterizada pelas relações dos homens entre si e com a natureza; e materialismo dialético, que é na verdade a forma pela qual o homem produz os meios de sobrevivência.

C) Modos de produção, caracterizados pelo pensamento filosófico dos socialistas utópicos; e o imperialismo, característica máxima do capitalismo industrial.

D) Imperialismo, característica do capitalismo industrial; e infraestrutura (ou estrutura), caracterizada pelas relações dos homens entre si e com a natureza.

**2. (UFU 2009)** Leia atentamente o texto abaixo e assinale a alternativa que indica com qual teoria filosófica ele se relaciona.

“É possível afirmar que a sociedade se constitui a partir de condições materiais de produção e da divisão social do trabalho, que as mudanças históricas são determinadas pelas modificações naquelas condições materiais e naquela divisão do trabalho e que a consciência humana é determinada a pensar as idéias que pensa por causa das condições materiais instituídas pela sociedade.”

CHAUI, M. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2007.

Este texto descreve

A) a concepção de Marx, que escreveu obras como *Contribuição à Economia Política* e *O Capital*.

B) a concepção de Nicolau Maquiavel, que escreveu, dentre outras obras, *O Príncipe*.

C) a concepção de Thomas Hobbes, autor do *Leviatã*.

D) a concepção de Jean Jacques Rousseau, autor de *Contrato Social*.

**3. (UFU 2011)** O desenvolvimento das ciências naturais trouxe impactos sobre a produção tecnológica e chegou até os processos de trabalho, modificando antigos sistemas por máquinas a vapor. Essas mudanças trouxeram resultados também para as relações sociais, como observa Karl Marx (1818-1883) em sua obra: *Miséria da filosofia*.

As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Apoderando-se de novas forças produtivas, os homens mudam seu modo de produção e, mudando o modo de produção, a maneira de ganhar a vida, mudam todas as suas relações sociais. O moinho braçal vos dará a sociedade com o senhor feudal, e o moinho a vapor a sociedade com o capitalista industrial.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*: do romantismo ao empiriocriticismo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 195, v. 5. (Coleção Filosofia).

Com base no texto acima e no pensamento de Karl Marx, assinale a alternativa correta.

A) O trabalho é um meio de produção de bens materiais para prover as necessidades humanas não influenciado pelo progresso tecnológico. Assim, o trabalho deve ser analisado como parte intrínseca da busca pela sobrevivência, não como desenvolvimento das potencialidades humanas.

B) A diferença entre sociedades está ligada à diferença entre os meios de produção que avançaram em tecnologia

– que impactam o trabalho – principalmente devido ao desenvolvimento das ciências naturais, a física, a química, entre outras.

C) Karl Marx separa a humanidade do homem e o seu trabalho como coisas que não têm mútua influência, por isso o trabalho na sociedade industrial não pode ser alienante.

D) O desenvolvimento das ciências naturais e o capitalismo foram forças antagônicas que se digladiaram durante as revoluções industriais, pois o desenvolvimento tecnológico – decorrente das ciências – não alterou os processos de trabalho.

**4. (UFU 2011)** Conforme Arruda e Aranha, o materialismo de Karl Marx diferencia-se do materialismo mecanicista. Analisando estas diferenças as autoras concluem:

[...] segundo o materialismo dialético, o espírito não é consequência passiva da ação da matéria, podendo reagir sobre aquilo que determina. Ou seja o conhecimento do determinismo liberta o homem por meio da ação deste sobre o mundo, possibilitando inclusive a ação revolucionária.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando*. São Paulo, Ed. Moderna, 2000, p. 241.

Com base em seus conhecimentos e nas informações acima, assinale a alternativa correta.

A) Diferentemente dos idealistas, Marx considera que as manifestações espirituais humanas derivam da estrutura material ou econômica da sociedade, mas não de modo absoluto, pois o espírito pode se libertar.

B) Como em Marx, a estrutura material ou econômica determina as manifestações do espírito, que será, em consequência, sempre passivo diante desta estrutura.

C) Marx entende que o espírito é resultado da estrutura material ou econômica da sociedade, por isso jamais pode modificá-la.

D) A dialética materialista de Marx sintetiza os momentos da realização da razão na história e não o agir histórico que realiza os conteúdos da razão.

**5.** E não se pode ter razão para chamar de não ordenada uma república dessas, onde há tantos exemplos de *virtù*; porque os bons exemplos nascem da boa educação; a boa educação, das boas leis; e as boas leis, dos tumultos que muitos condenam sem ponderar: porque quem examinar bem o resultado deles não descobrirá que eles deram origem a exílios e violência em desfavor do bem comum, mas, sim, a leis e ordenações benéficas à liberdade pública.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos*. São Paulo: Martins Fontes. p. 22.

A história de todas as sociedades existentes até hoje é a história da luta de classes.

Marx, K. e ENGELS, F. *Cartas filosóficas e o manifesto do partido comunista*. São Paulo: Moraes, 1980. p. 102.

Os textos de Nicolau Maquiavel (1469-1527) e de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) têm em comum o fato de mencionarem os conflitos sociais como aspectos fundamentais na dinâmica política, sendo que, de acordo com o conhecimento que temos sobre esses autores, é certo afirmar que:

a) para Maquiavel, os conflitos sociais devem ser rejeitados pela organização política da sociedade, afinal a política realiza-se verdadeiramente na promoção do bem comum. Para a filosofia marxista, ao contrário, a sociedade política deve absorver as lutas sociais em leis que evitem tumultos mais contundentes e assegurem o equilíbrio entre as classes.

b) para Maquiavel, os tumultos sociais produzem a evolução da espécie humana, ainda que isso ocorra em detrimento da organização política das sociedades. Para a filosofia marxista, por sua vez, a luta de classes é o mecanismo de perpetuação dos homens em estágios mais atrasados de organização social, sendo impossível, então, a verdadeira transformação sociopolítica.

c) para Maquiavel, os conflitos sociais ensejam um contrato social que confere poder absoluto ao Leviatã, retirando dos seres humanos a sua ambição de poder. Para a filosofia marxista, a luta de classes é a finalidade natural da vida humana, isto é, nesses conflitos os homens realizam-se como seres éticos, racionais e virtuosos.

d) para Maquiavel, a luta de classes é o motor da transformação revolucionária das sociedades, sendo a passagem do feudalismo ao capitalismo o melhor exemplo de sua teoria. Para a filosofia marxista, os conflitos sociais são um simples recurso teórico, pois Marx e Engels preocupavam-se apenas com especulações filosóficas metafísicas.

e) para Maquiavel, a sociedade política não consiste em uma totalidade harmônica, sendo, isto sim, movida pelos conflitos sociais que devem ser institucionalmente direcionados. Para a filosofia marxista, as lutas de classes resultam na passagem de um modo de produção a outro, sendo que o seu desfecho será a sociedade comunista.

**6. (UFU 2015)** O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.

MARX, K. *Para a Crítica da Economia Política*. Tradução de José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção "Os Pensadores". P. 30.

Assinale a alternativa que apresenta a definição CORRETA do que é a “produção da vida material”.

- A) É o desenvolvimento das forças produtivas materiais, isto é, a estrutura econômica da sociedade.
- B) É a geração da sociedade civil a partir dos valores espirituais que determinam a ordem jurídica da sociedade.
- C) É a superestrutura jurídica e política que, sob a forma de Estado nacional, alimenta o tecido social.
- D) São os agentes da ordem absoluta e imutável da razão universal que criam a sociedade civil.

7. “Por sua formação filosófica, Marx concebia a realidade social como uma concretude histórica, isto é, como um conjunto de relações de produção que caracteriza cada sociedade num tempo e espaço determinados (...). Por outro lado, cada sociedade representava para Marx uma totalidade, isto é, um conjunto único e integrado das diversas formas de organização humana nas suas mais diversas instâncias – família, poder, religião”.

COSTA, Cristina. Sociologia – introdução à ciência da sociedade, 3ª ed., São Paulo: Moderna, 2005. p. 123-124.

Com base nesse trecho e na teoria social de Karl Marx, marque a alternativa correta.

- A) A consciência é um fenômeno autônomo diante do processo produtivo e das relações sociais de produção, o que nos leva a concluir que há uma evolução das ideias sociais.
- B) A dominação de classes no capitalismo é um processo econômico que prescinde das esferas política, ideológica e jurídica.
- C) As transformações sociais decorrem, natural e fundamentalmente, da evolução das forças produtivas, principalmente, da ciência e da tecnologia.
- D) A totalidade social, para Marx, não é indeterminada, pois a instância da produção e reprodução das condições materiais de existência é essencial, sendo que outras instâncias são reflexos da economia.

8. Em *O Dezoito Brumário, de Luís Bonaparte*, Karl Marx sustenta que ... os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

MARX, K. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. In *Manuscritos econômico filosóficos e outros textos escolhidos*. (Seleção de textos: José Arthur Giannotti). São Paulo, Abril Cultural, 1978. p. 329. Coleção Os Pensadores.

Sobre essa concepção de “fazer histórico”, marque a alternativa correta.

- A) A sociedade é o resultado da práxis humana, que expressa, a partir de cada causalidade, os projetos ou as visões de mundo que prevaleceram nas lutas de classe.

- B) O passado é irresistível e sua reprodução é a regra nas relações sociais, no sentido de reiteração da ordem posta.
- C) As transformações históricas decorrem da intervenção da vontade, independentemente, das circunstâncias existentes.
- D) A história é imutável, quando muito cíclica, pois os movimentos possíveis não podem romper a existência de classes sociais.

9. Tanto Augusto Comte quanto Karl Marx identificam imperfeições na sociedade industrial capitalista, embora cheguem a conclusões bem diferentes: para o positivismo de Comte, os conflitos entre trabalhadores e empresários são fenômenos secundários, deficiências, cuja correção é relativamente fácil, enquanto, para Karl Marx, os conflitos entre proletários e burgueses são o fato mais importante das sociedades modernas.

A respeito das concepções teóricas desses autores, é CORRETO afirmar:

- a) Comte pensava que a organização científica da sociedade industrial levaria a atribuir a cada indivíduo um lugar proporcional à sua capacidade, realizando-se assim a justiça social.
- b) Comte considera que a partir do momento em que os homens pensam cientificamente, a atividade principal das coletividades passa a ser a luta de classes que leva necessariamente à resolução de todos os conflitos.
- c) Marx acredita que a história humana é feita de consensos e implica, por um lado, o antagonismo entre opressores e oprimidos; por outro lado, tende a uma polarização em dois blocos: burgueses e proletários.
- d) Para Karl Marx, o caráter contraditório do capitalismo manifesta-se no fato de que o crescimento dos meios de produção se traduz na elevação do nível de vida da maioria dos trabalhadores embora não elimine as desigualdades sociais.
- e) Tanto Augusto Comte quanto Karl Marx concordam que a sociedade capitalista industrial expressa a predominância de um tipo de solidariedade, que classificam como orgânica, cujas características se refletirão diretamente em suas instituições.

10. (UFU 2011) Segundo Marx, o fator fundamental do desenvolvimento social assenta-se nas contradições da vida material, na luta entre as forças produtivas da sociedade e as relações sociais de produção que lhe correspondem.

Analisando a frase acima, assinale a alternativa correta sobre as relações sociais de produção e forças produtivas em Marx.

- A) Dizem respeito às relações sociais que os homens estabelecem entre si para utilizar os meios de produção, transformando a si mesmos e a natureza.

B) Correspondem às relações entre os homens no âmbito estritamente econômico posto que a esfera econômica determina a estrutura social.

C) Dizem respeito às ações individuais dos homens no livre mercado, o qual é marcado pelas leis de oferta e procura.

D) Correspondem a uma relação social definida pela lógica do mercado, na qual os homens orientam individualmente suas ações em um determinado sentido.

**11. (UEM 2012)** A sociologia marxista propõe uma interpretação da sociedade que toma as condições materiais de existência dos homens como fator determinante dos fenômenos sociais. Sobre essa concepção, assinale o que for **correto**.

01) Forças produtivas e relações sociais de produção são os dois componentes básicos da infraestrutura que determinam em última instância as demais dimensões da vida social.

02) Instituições como a Escola, o Estado e a Igreja fazem parte da superestrutura social, dotada de autonomia frente às determinações econômicas de cada momento histórico.

04) Mudanças na estrutura social são desencadeadas quando se desenvolvem incongruências entre a infraestrutura produtiva e a superestrutura, com predomínio da primeira sobre a última.

08) As instituições que compõem a superestrutura desempenham importantes funções de controle social e ideológico que contribuem para a manutenção das relações produtivas vigentes.

16) As classes sociais são definidas segundo a posição que ocupam nas instituições que compõem a dimensão superestrutural das sociedades.

**12. (UFU 2011)** Ao tratar do método utilizado por Karl Marx para compor *O Capital*, Jacob Gorender afirma que “[...] Marx não partiu do conceito de valor, mas da mercadoria, isto é, da célula germinativa do modo de produção capitalista”.

Diante do exposto e dos seus conhecimentos acerca da obra desse teórico, assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) O fetiche da mercadoria reflete aos homens as características sociais do seu trabalho como se fossem propriedades do próprio produto. Por este motivo, o fetiche da mercadoria provém de seu valor de uso.

B) O valor de uso é o suporte físico do valor das mercadorias.

C) O caráter duplo do valor de uso e do valor de troca resulta do caráter também do próprio trabalho que o produz: trabalho concreto e trabalho abstrato.

D) Na sociedade capitalista, a riqueza pode ser compreendida como uma imensa coleção de mercadorias.

**13. (UFU 2012)** Em uma passagem de *As aventuras do Barão de Münchhausen*, personagem do folclore alemão, ele e seu cavalo encontram-se atolados em um pantanal e, para sair dessa situação, o Barão puxa a si mesmo pelo cabelo, levantando-se, com sua montaria, do terreno movediço. Em mais de uma ocasião, os sociólogos usaram essa metáfora para aludir ao modo pelo qual os positivistas procuravam um método objetivo, neutro, livre das ideologias.

Em oposição a essa suposta objetividade, Marx criticou veementemente os positivistas, uma vez que, para o autor,

A) o método possui uma objetividade parcial, pois na escolha do objeto entra em ação a ideologia do autor, que não interfere, entretanto, na análise dos acontecimentos.

B) a análise social, a partir da perspectiva do operariado, deve contribuir para a harmonia das relações sociais de produção.

C) a análise das condições de vida do proletariado europeu do século XIX deve incidir sobre a crítica social, com vistas à reforma da sociedade burguesa.

D) o método deve contribuir não só para a interpretação, mas igualmente para a transformação social.

**14. (UFU 2013)** E se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo porque a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico.

MARX, Karl, *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1987. p. 37.

Com essa famosa metáfora, Marx realiza a definição de ideologia como inversão da realidade, da qual decorre para ele

A) a alienação da classe trabalhadora.

B) a consciência de classe dos trabalhadores.

C) a existência de condições para a práxis revolucionária.

D) a definição de classes sociais.

**15. (UFU 2014)** Uma das condições históricas para o desenvolvimento do capital foi o trabalho livre e a troca de trabalho livre por dinheiro, outra foi a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação – dos meios e material do trabalho.

K. Marx, *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 65.

Nesse trecho, Marx se refere à especificidade do trabalho na sociedade capitalista, quando comparado com as formações econômicas que a precederam.

Com base nas informações fornecidas, é correto afirmar que,

- A) no feudalismo, diferentemente do que ocorre no capitalismo, o camponês, embora preso a um sistema de obrigações, era proprietário das ferramentas de trabalho.
- B) nas corporações de ofício, de forma semelhante ao que ocorre no capitalismo, havia a divisão social do trabalho.
- C) no capitalismo, diferentemente do que ocorreu no feudalismo, desaparece o camponês livre que cede a sua liberdade para dar lugar ao surgimento do assalariado.
- D) para desenvolver o capitalismo, os artesãos independentes da Idade Média compraram a sua liberdade e se transformaram em trabalhadores livres.

**16. (UFU 2015)** Quando aborda o carnaval de Salvador/BA, Fátima Teles afirma que este festejo foi incorporado à onda neoliberal do capital fetiche e ficou restrito às classes privilegiadas que abandonaram os cordões e fecharam-se nos luxos dos camarotes ou nos blocos, cordões fechados por compra de abadás. Portanto hoje, atrás do trio elétrico só não vai a classe menos favorecida, a classe que vive de salário suado e só vai atrás do trio elétrico quem pode pagar caro, uma minoria que concentra renda de alguma forma. (...) A festa já não é mais popular, mas é a festa de uma minoria privilegiada. Olhando para o carnaval de Salvador lembramos do compositor baiano Gilberto Gil quando ele canta “ó mundo tão desigual, tudo é tão desigual, de um lado esse carnaval, de outro a fome total...”

Fátima Teles. A mercantilização do carnaval soteropolitano  
Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/258814-11>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

Implícitas no fragmento acima estão várias categorias marxianas utilizadas, neste caso, para a interpretação das transformações ocorridas em umas das mais importantes festas populares do país. Assim, é correto afirmar que:

- A) Abadás e camarotes, exclusividades de uma elite, são portadores de uma aura mágica a quem se confere poderes especiais e destacada como desencantamento do mundo.
- B) O carnaval foi mergulhado nas águas gélidas do cálculo egoísta, vendo extraídos seus conteúdos e naturezas mais autênticos, mas sendo finalmente democratizado.
- C) Quando mercantilizado, o carnaval perde seu caráter público e se privatiza, produzindo um acesso seletivo e dependente mais do marcador racial do que classista.
- D) Tal como revelara Marx, o capitalismo traz consigo a tendência de mercantilizar as relações sociais. Ao que tudo indica, o carnaval também se transformou numa mercadoria.

**17. (UEM 2011)** Escrito há quase duzentos anos, por Karl Marx e Friedrich Engels, o Manifesto Comunista denunciava as desigualdades sociais vividas pelos homens na sociedade capitalista. Leia trecho dessa obra,

reproduzido a seguir, e assinale o que for **correto** sobre o desenvolvimento econômico.

“A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas [...] A manufatura já não era suficiente. Em consequência disso, o vapor e as máquinas revolucionaram a produção industrial. O lugar da manufatura foi tomado pela indústria gigantesca moderna, o lugar da classe média industrial, pelos milionários da indústria, líderes de todo o exército industrial, os burgueses modernos”

(MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, 10ª Edição, p.09 e 11 – Coleção Leitura).

- 01) A passagem da manufatura para indústria gerou um processo de modificação do espaço natural que foi bastante equilibrado, sem prejuízos ao meio ambiente.
- 02) O trecho acima se refere ao contexto de formação da sociedade capitalista e à composição dos antagonismos de classe, os quais opõem proprietários dos meios de produção e proprietários da força de trabalho.
- 04) As relações estabelecidas pelas classes sociais na sociedade burguesa moderna são pautadas pela cooperação, a qual conduz ao desenvolvimento econômico gerador de melhor condição de vida para todos.
- 08) As relações de troca se revolucionaram em virtude de o crescimento da burguesia moderna ter ocorrido na mesma proporção do crescimento da produção industrial.
- 16) O desenvolvimento da indústria está assentado no emprego do trabalho humano, o único detentor de conhecimento para alterar a matéria-prima, a partir do uso de instrumentos que ele mesmo produz.

**18. (UEM 2014)** Publicado por Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848, o “Manifesto do Partido Comunista” ainda hoje pode ser considerado como um influente tratado de ideias políticas que dirige severas críticas ao modo de produção capitalista. Considerando essa obra e os estudos sociológicos sobre o marxismo, assinale o que for correto.

- 01) A obra de Marx e de Engels foi escrita em um período de ascensão do capitalismo e de crescimento das desigualdades sociais entre burgueses e proletários.
- 02) Em Marx e Engels, a história das sociedades é descrita por meio da história das lutas de classe que têm levado ao enfrentamento entre dominantes e dominados.
- 04) Para Marx e Engels, a divisão social do trabalho na sociedade capitalista foi capaz de emancipar os homens, mas não as mulheres.

08) De acordo com Marx e Engels, os conflitos sociais, políticos e econômicos devem ser evitados para que a revolução proletária seja pacífica e não violenta.

16) Segundo Marx e Engels, o conhecimento da realidade social deve estar orientado para a transformação da sociedade.

**19. (UEM 2014)** Considerando as contribuições de Karl Marx e da teoria marxista para a compreensão da economia política capitalista, assinale o que for correto:

01) Marx afirma que a moderna economia política capitalista foi instituída na Europa do século XIX por meio da aceitação generalizada de sua ideologia.

02) A teoria marxista contribui para o entendimento de que os modernos processos de exploração e alienação das forças de trabalho são o resultado de um sistema social de produção que pode ser transformado.

04) Segundo Marx, as empresas passaram a respeitar e a valorizar seus empregados a partir do momento em que se conscientizaram do papel central que eles ocupam no processo produtivo.

08) A teoria marxista explica que o sistema capitalista de produção se tornou a forma mais justa e democrática de combater as desigualdades nas sociedades modernas.

16) A obra de Marx contribuiu para o reconhecimento das leis de mercado enquanto fatos sociais independentes da ação humana, e que devem ser obedecidas para se manter a coesão social.

**20. (UEL 2007)** Karl Marx exerceu grande influência na teoria sociológica. Segundo o autor: “[...] na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção... O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social”.

Fonte: MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo, Ed. Mandacaru, 1989, p. 28.

De acordo com o texto e os conhecimentos sobre o autor, é correto afirmar que:

a) A superestrutura jurídica e política é o resultado do modo como as pessoas se organizam para produzir a subsistência material em determinada sociedade.

b) A superestrutura jurídica e política é o resultado da consciência social dos líderes políticos e independe do modo de produção em dada sociedade.

c) A superestrutura política é o resultado do modo como as pessoas se organizam para produzir a subsistência material em determinada sociedade, mas a esfera jurídica depende da consciência social.

d) A superestrutura jurídica é o resultado do modo como as pessoas se organizam para produzir a subsistência material em determinada sociedade, mas a esfera política depende da consciência social.

e) A superestrutura jurídica e política é o resultado da consciência social dos homens.

**21. (UEL 2009)** [...] Ramón vivia do seu trabalho e tinha que pagar um apartamento e a comida, e inclusive as folhas de papel para poder escrever nos fins de semana. Já sabia que introduzir no computador um argumento e os nomes dos personagens para que realizasse um primeiro esboço não era a mesma coisa que escrever uma novela desde o princípio, mas as coisas agora estavam desse jeito. O mundo editorial tinha mudado, os livros já não eram concebidos como obras de artesanato criadas na mente de um só homem sem nenhuma ajuda exterior.

(SAORÍN, J. L. *A curiosa história do editor partido ao meio na era dos robôs escritores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. p. 109).

O texto remete a formulações presentes na análise de Marx sobre o desenvolvimento do capitalismo. Quanto à posição de Marx em relação ao tema abordado no texto, é correto afirmar.

I. Com o advento da sociedade comunista, o trabalho desaparece e instaura-se um ordenamento social em que a preocupação do indivíduo será basicamente com o exercício do lazer.

II. O avanço das forças produtivas torna-se desnecessário em uma sociedade socialista, uma vez que as máquinas, responsáveis pelo sofrimento humano, serão substituídas por um retorno à produção artesanal.

III. A tendência do movimento do capital é no sentido de uma contínua desqualificação da força de trabalho.

Deste modo, intensifica-se a unilateralidade do ser que trabalha e sua degradação física e psíquica.

IV. A revolução contínua das forças produtivas é uma necessidade inerente ao processo de acumulação capitalista e está na base da expansão deste modo de produção e da constituição do mercado mundial.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e III são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**22. (UEL 2008)** Sobre a exploração do trabalho no capitalismo, segundo a teoria de Karl Marx (1818-1883), é correto afirmar:

a) A lei da hora-extra explica como os proprietários dos meios de produção se apropriam das horas não pagas ao

trabalhador, obtendo maior excedente no processo de produção das mercadorias.

b) A lei da mais valia consiste nas horas extras trabalhadas após o horário contratado, que não são pagas ao trabalhador pelos proprietários dos meios de produção.

c) A lei da mais-valia explica como o proprietário dos meios de produção extrai e se apropria do excedente produzido pelo trabalhador, pagando-lhe apenas por uma parte das horas trabalhadas.

d) A lei da mais valia é a garantia de que o trabalhador receberá o valor real do que produziu durante a jornada de trabalho.

e) As horas extras trabalhadas após o expediente constituem-se na essência do processo de produção de excedentes e da apropriação das mercadorias pelo proprietário dos meios de produção.

23. (UEL 2011) Observe a charge.



(Disponível em:

<<http://complexowill.blogspot.com/2010/08/precisamos-aprender-novos-conceitos.html>>. Acesso em: 24 out. 2010.)

Com base na charge e nos conhecimentos sobre a teoria de Marx, é correto afirmar:

a) A produção mercantil e a apropriação privada são justas, tendo em vista que os patrões detêm mais capital do que os trabalhadores assalariados.

b) Um dos elementos constitutivos da acumulação capitalista é a mais-valia, que consiste em pagar ao trabalhador menos do que ele produziu em uma jornada de trabalho.

c) A mercadoria, para poder existir, depende da existência do capitalismo e da substituição dos valores de troca pelos valores de uso.

d) As relações sociais de exploração surgiram com o nascimento do capitalismo, cuja faceta negativa está em pagar salários baixos aos trabalhadores.

e) Sob o capitalismo, os trabalhadores se transformaram em escravos, fato acentuado por ter se tornado impossível, com a individualização do trabalho e dos salários, a consciência de classe entre eles.

(UNICENTRO 2015) Leia o texto a seguir e responda às questões 24 e 25.

Tá vendo aquele edifício, moço?

Ajudei a levantar

Foi um tempo de aflição

Eram quatro condução

Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto

Olho pra cima e fico tonto

Mas me vem um cidadão

E me diz desconfiado

“Tu tá aí admirado?

Ou tá querendo roubar?”

Meu domingo tá perdido

Vou pra casa entristecido

Dá vontade de beber

E pra aumentar meu tédio

Eu nem posso olhar pro prédio

Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio, moço?

Eu também trabalhei lá

Lá eu quase me arrebento

Fiz a massa, pus cimento

Ajudei a rebocar

Minha filha inocente

Vem pra mim toda contente

“Pai, vou me matricular”

Mas me diz um cidadão

“Criança de pé no chão

Aqui não pode estudar”

Zé Ramalho. Cidadão. Composição: Lucio Barbosa.

24. Com base no texto e nos conhecimentos dos estudos de economia política de Karl Marx, assinale a alternativa

que apresenta, corretamente, suas explicações sobre relações de trabalho, salário e lucro.

- a) A exploração do trabalhador será superada por meio de relações solidárias entre trabalhadores assalariados e empregadores capitalistas.
- b) As relações de trabalho são determinadas pelo regime de contratação livremente negociado entre trabalhadores e empregadores.
- c) O lucro é a fonte de toda a riqueza econômica e é produzido pelo risco assumido pelo capitalismo ao investir o seu capital.
- d) O salário corresponde ao pagamento, por parte do capitalista, pelo uso do trabalho do operário, considerada a sua capacidade produtiva.
- e) O valor da força de trabalho do operário é o tempo de trabalho socialmente necessário para produzir os meios de que necessita para viver.

**25.** Com base no texto, assinale a alternativa que apresenta, corretamente, a teoria de Karl Marx sobre produção e reprodução do capital.

- a) A elevação dos salários representa a superação das relações de exploração.
- b) A produção do trabalhador gera tanto a mais-valia quanto o capital variável.
- c) As relações de produção são visibilizadas pelo contrato individual de trabalho.
- d) O capitalismo propicia a unificação entre o produto do trabalho e o próprio trabalho.
- e) O início do processo de produção capitalista dá-se com o pagamento dos salários.

**26. (UEM 2010)** Hegel criticou o inatismo, o empirismo e o kantismo. Endereçou a todos a mesma crítica, a de não terem compreendido o que há de mais fundamental e essencial à razão: o fato de ela ser histórica. Com base nessa afirmação, assinale o que for **correto**.

- 01) Ao afirmar que a razão é histórica, Hegel considera a razão como sendo relativa, isto é, não possui um caráter universal e não pode alcançar a verdade.
- 02) Não há para Hegel nenhuma relação entre a razão e a realidade. Submetida às circunstâncias dos eventos históricos, a razão está condenada ao ceticismo, isto é, “ao duvidar sempre”.
- 04) A identificação entre razão e história conduz Hegel a desenvolver uma concepção materialista da história e da realidade, negando entre ambas a possibilidade de uma relação dialética.
- 08) No sistema hegeliano, a racionalidade não é mais um modelo a ser aplicado, mas é o próprio tecido do real e do pensamento. O mundo é a manifestação da ideia, o real é racional, e o racional é o real.

16) Karl Marx, ao afirmar, na *Ideologia alemã*, que não é a história que anda com as pernas das ideias, mas as ideias é que andam com as pernas da história, critica, ao mesmo tempo, o idealismo e a concepção da história de Hegel e dos neo-hegelianos.

**27. (UEM 2009)** Na obra *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach faz uma crítica à religião cristã. Para ele, o homem aliena sua essência na religião, pois os seres humanos se esquecem de que foram os criadores da divindade e invertem a relação quando acreditam que foram criados pelos deuses. Assinale o que for **correto**.

- 01) Para Feuerbach, o verdadeiro fundamento do homem é apenas ele mesmo; assim, o único fundamento absoluto de todo pensamento humano é o homem como razão, como vontade, como coração.
- 02) A teoria da alienação religiosa de Feuerbach ofereceu uma contribuição importante à filosofia política, particularmente à de Marx.
- 04) Feuerbach critica a religião, todavia aceita a teologia, pois acredita que ela pode nos conduzir a um conhecimento racional da essência de Deus.
- 08) A crítica de Feuerbach à alienação religiosa levou Marx a aderir à filosofia existencialista de Feuerbach.
- 16) Quando Marx declara que a religião é o ópio do povo, ele concorda com Feuerbach que a religião é uma alienação; para Marx, a religião amortece a combatividade dos oprimidos e dos explorados, porque lhes promete uma vida feliz no futuro e no outro mundo.

**28. (UNICENTRO 2012)** A Filosofia Marxista é também conhecida como filosofia

- A) estética.
- B) da práxis.
- C) da convivência.
- D) da sensibilidade.
- E) da intersubjetividade.

**29. (UNICENTRO 2012)** “Na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais.” (MARX, 2009, p. 23).

A partir da análise desse fragmento de texto, é correto afirmar:

- A) A existência para Marx se reduz à transcendência.
- B) O pensamento marxista pode ser denominado de materialista mecanicista.
- C) As relações de produção para Marx determinam a produção social da existência.
- D) As forças produtivas materiais não têm importância para o pensamento marxista.

E) O conceito de relações de produção, em Marx, está restrito às classes dominantes.

**30. (UNICENTRO 2013)** Assinale a alternativa correta.

A) Foi original a contribuição feita por Karl Marx (1818-1883) ao campo ético. Ao desenvolver a teoria do materialismo dialético, considera que, onde existe sociedade dividida em classes, com interesses antagônicos, a moral da classe dominada é a que prevalece, pois a classe proletária é sempre maioria e, historicamente, a conduta humana é orientada pela passividade dos despossuídos.

B) Herdeiro do pensamento de Kant, Karl Marx (1818-1883) aprofunda a discussão a respeito das questões éticas na contemporaneidade. O que há de comum no pensamento de ambos é o fato de se posicionarem contra a moral formalista hegeliana, fundada na razão universal e abstrata, buscando encontrar o homem concreto da ação moral.

C) Coerente com sua concepção comunista, Karl Marx (1818-1883) preconiza o que chamou de “moral da ditadura proletária”. À moral dos senhores capitalistas, baseada na busca incessante do lucro individual, contrapõe a moral dos fracos, baseada na procura da paz e do repouso, e na solidariedade entre as classes.

D) Coerente com sua concepção comunista, Karl Marx (1818-1883) preconiza que as condições da moral verdadeira só existiriam na sociedade sem Estado e sem propriedade privada: só na sociedade sem a exploração de uma classe pela outra, é que se poderá esperar uma moral autêntica. Para ele, não dá para viver moralmente em um mundo que ainda não tenha instaurado a ordem da justiça social.

E) Karl Marx (1818-1883) inicialmente sofreu a influência de Hegel, mas dele se desligou para percorrer um itinerário próprio no campo ético. Desenvolveu, então, a teoria dialética da ação comunista, que fornece os elementos para a compreensão de sua obra máxima, *O Capital*. A ação comunista supõe o entendimento entre os indivíduos sem as pressões típicas do sistema econômico e político.

**31. (UEM 2008)** Marx defende as liberdades políticas individuais, todavia opõe-se ao liberalismo e à concepção do Estado burguês. A restrição que Marx faz ao Estado de direito burguês é que esse Estado acaba representando os interesses das classes sociais dominantes, o que torna impossível defender os fins universais da sociedade no seu todo.

Assinale o que for **correto**.

01) Marx considera que a realização da liberdade humana e a emancipação do homem só podem realizar-se para

além do formalismo jurídico do Estado burguês. A verdadeira liberdade e emancipação só podem acontecer quando a esfera da produção estiver sob o controle dos produtores diretos, isto é, os trabalhadores.

02) Para o materialismo histórico, as relações sociais de produção são responsáveis pela formação do Estado que Marx considera como sendo a superestrutura jurídica e política da sociedade.

04) O progresso tecnológico e o desenvolvimento econômico, ao permitirem uma melhor distribuição da renda, são considerados por Marx condições essenciais para acabar com o Estado burguês e com a sociedade de classes.

08) Para Marx, a liberdade deve ser universal, isto é, para todos os homens; razão pela qual só pode realizar-se com o fim da sociedade de classes.

16) Para Marx, o Estado burguês sustenta uma economia de mercado em que tudo pode transformar-se em mercadoria, inclusive o trabalho que pode ser comprado e vendido como qualquer mercadoria; nesse processo, o trabalho e o homem alienam-se.

**32. (UEM 2009)** Opondo-se ao idealismo de Hegel, para quem a história narra o movimento temporal do Espírito, Marx e Engels afirmam que a história constitui-se nas lutas reais dos seres humanos reais, que produzem e reproduzem suas condições materiais de existência, isto é, produzem e reproduzem as relações sociais dentro de antagonismos de classe.

Assinale o que for **correto**.

01) Para Hegel, o movimento do Espírito é um movimento dialético constituído de uma tese, de uma antítese e de uma síntese, é nesse movimento dialético que o Espírito se manifesta na realidade.

02) O materialismo histórico é dialético, pois afirma que o processo histórico é movido por contradições sociais, sendo a principal a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e a forma de propriedade dos meios de produção.

04) Marx afirma que os homens fazem sua própria história, mas não a fazem em condições escolhidas por eles, pois são historicamente determinados pelas condições em que produzem sua vida.

08) A filosofia política hegeliana preconiza o fim do Estado, pois acredita que, com a extinção do Estado, a violência será eliminada da história e o Espírito encontrará, no quietismo, a paz.

16) Para Marx, o poder político é a maneira legal e jurídica pela qual a classe economicamente dominante de uma sociedade mantém seu domínio sobre as outras classes sociais.

**33. (UEM 2009)** Na sua obra *18 Brumário de Luiz Bonaparte*, Karl Marx afirma que os homens fazem a história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e, sim, sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

(MARX, Karl. *18 Brumário de Luiz Bonaparte*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 18.)

Sobre Karl Marx e sua filosofia, assinale o que for **correto**.

01) O materialismo histórico, teoria professada por Karl Marx, acredita que só as ideias utópicas de uma nova ordem social podem libertar o homem dos grilhões da história que o prendem a uma sociedade injusta.

02) Karl Marx acredita que só um novo contrato social entre a classe burguesa e a classe operária pode dar origem a um novo processo histórico capaz de instituir a paz social.

04) Para Karl Marx, a exploração do homem pelo homem jamais terá fim, pois a história demonstra que, desde sempre, a natureza humana é essencialmente egoísta.

08) A história é, para Marx, a história das lutas de classe. Por encontrar-se no âmago das contradições sociais do modo de produção capitalista, o operariado realizará uma revolução social que extinguirá a sociedade de classe.

16) Como Nicolau Maquiavel, Karl Marx acredita que apenas um homem excepcional, um grande homem, seria capaz de conduzir o proletariado ao cumprimento de sua missão histórica.

**34. (UEM 2011)** “A restrição que Marx faz ao Estado de Direito burguês, enquanto abstração da condição básica da sociabilidade humana atrelada à imediatidade do viver-junto dos homens, é que este Estado acaba, por força da sua estrutura burocratizante e da redução do político aos aspectos jurídicos, representando os interesses de uma parcela da sociedade e, nessa medida, é impotente para garantir os fins maiores e universais da coletividade”

(Filosofia – Ensino Médio. Curitiba: SEED-PR, 2006, p.224).

Com base nessa afirmação, assinale o que for **correto**.

01) É nas ideias do liberalismo clássico de John Locke que Karl Marx procura subsídios teóricos para a concepção de uma sociedade socialista, segundo a qual a liberdade de cada indivíduo seria garantida pela emancipação política de toda a coletividade.

02) Para Karl Marx, o fim da luta entre as classes sociais tornar-se-á possível quando o trabalho e o capital chegarem a um acordo jurídico sobre uma forma democrática de distribuição igualitária da renda entre todos os indivíduos de todas as classes sociais.

04) Para Karl Marx, a lei deve garantir uma justiça social fundamentada no princípio de que o trabalho deve ser

remunerado conforme os méritos e a capacidade produtiva de cada indivíduo.

08) O materialismo histórico de Karl Marx preconiza que a estrutura jurídico-política instaurada com o modo de produção capitalista precisa ser mantido, de forma que a transição para uma economia socialista possa ser efetivada sem conturbações.

16) Para Karl Marx, o direito burguês não passa de uma ficção da lei e expressão de uma ideologia cuja compreensão e desvelamento só pode realizar-se a partir de uma análise da infraestrutura econômica do modo de produção capitalista.

**35. (UEM 2011)** “Marx e Hegel têm em comum a crítica à exacerbação do individualismo egoísta moderno, bem como das suas consequências, porém discordam quanto às possibilidades de solução da questão. Um dos elementos fundamentais desse debate é a questão da soberania política”

(MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED – PR, 2009, p.466.).

Sobre as relações entre indivíduo e Estado, assinale o que for **correto**.

01) Karl Marx considera que a emancipação humana realizar-se-á na sociedade comunista, pois, nessa sociedade, o indivíduo não será mais submetido a um Estado e à divisão social do trabalho, podendo, dessa forma, passar do reino da necessidade ao reino da liberdade.

02) Para Karl Marx, a liberdade do indivíduo, como concebida pelo Estado burguês, não passa de um formalismo jurídico; é uma ficção da lei, pois o indivíduo só pode ser livre quando a esfera da produção estiver sujeita ao controle daqueles que produzem.

04) Para G. W. Friedrich Hegel, o Estado deveria ser substituído pela sociedade civil, pois essa pode representar os interesses coletivos e é capaz de garantir os interesses de cada indivíduo.

08) G. W. Friedrich Hegel critica as teorias políticas contratualistas, segundo as quais os indivíduos isolados abandonam o estado de natureza para se reunirem em sociedade, por meio de um pacto, a fim de formar artificialmente o Estado e garantir a liberdade individual e a propriedade privada.

16) A filosofia política de Karl Marx fundamenta-se numa nova antropologia, segundo a qual a natureza humana varia historicamente, pois o indivíduo se produz à medida que transforma a natureza pelo trabalho dentro de certas relações sociais de produção.

**36. (UEM 2012)** O filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) afirma que “A totalidade das relações de produção

forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”

(MARX, K. Prefácio. In: *Para a crítica da Economia Política*. SP: Abril Cultural, 1982, p. 23, *apud* FIGUEIREDO, V. *Filósofos na sala de aula*. volume 2. SP: Berlendis & Vertecchia Editores, 2008, p. 121-122).

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- 01) A economia determina o que acontece nas outras partes da vida social — tudo tem que ser explicado pela economia.
- 02) Essa teoria marxiana é reducionista, pois tudo se reduz a um princípio explicativo único, o fundamento material.
- 04) Antes de serem elementos contraditórios, a superestrutura jurídico-política se articula com a estrutura econômica da sociedade.
- 08) A consciência humana não tem o mesmo poder que as relações de produção sobre a determinação do ser social dos homens.
- 16) Para a teoria marxiana, somente pode existir entre os homens relações de produção econômica, que são determinadas materialmente.

**37. (UEM 2013)** “Primeiramente, o trabalho alienado se apresenta como algo externo ao trabalhador, algo que não faz parte de sua personalidade. Assim, o trabalhador não se realiza em seu trabalho, mas nega-se a si mesmo. Permanece no local de trabalho com uma sensação de sofrimento em vez de bem-estar, com um sentimento de bloqueio de suas energias físicas e mentais que provoca cansaço físico e depressão. Nessa situação, o trabalhador só se sente feliz em seus dias de folga, enquanto no trabalho permanece aborrecido. Seu trabalho não é voluntário, mas imposto e forçado.”

(MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. Primeiro manuscrito, XXIII. In: COTRIM, G. *Fundamentos da Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 25-36).

A partir do texto, assinale o que for **correto**.

- 01) A alienação do trabalho é fruto do cansaço físico e mental do trabalhador.
- 02) A forma de trabalho típica do sistema de produção capitalista não realiza o trabalhador.
- 04) Segundo o filósofo, não existe a possibilidade de um trabalho que satisfaça o homem.
- 08) Não há bem-estar no trabalho quando ele é imposto e forçado.

16) Um trabalho feito voluntariamente e que não negue o trabalhador não é um trabalho alienado.

**38. (UEM 2014)** “O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. [...] A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.”

(MARX, Karl. Para a crítica da Economia Política. In: FIGUEIREDO, V. *Filósofos na sala de aula*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2007, p. 121-122).

A partir do trecho citado, assinale o que for correto.

- 01) A sociabilidade para Marx é fruto de escolhas livres e autônomas do indivíduo.
- 02) A superestrutura jurídica e política, no limite, o Estado, são oriundas das relações de produção materiais estabelecidas na sociedade.
- 04) A vida social é determinada pelos modos de produção da vida material.
- 08) O ser social dos homens, fruto das relações materiais, é que condiciona a consciência dos homens.
- 16) As relações de produção material, ou seja, a esfera econômica da vida não anula as vontades e a liberdade dos homens.

**39. (UEM 2015)** “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual.”

(MARX, K., ENGELS, F. A ideologia alemã. In: ARANHA, M. *Filosofar com textos: temas e história da filosofia*, São Paulo: Moderna, 2012, p. 453).

A partir do texto citado, é correto afirmar:

- 01) A elite ou classe dominante, por deter os meios de produção, consegue veicular suas ideias e impô-las ao restante da sociedade.

02) As ideias da classe dominante são hegemônicas, pois são as concepções que venceram, no debate público, as ideias das outras classes.

04) Força espiritual neste texto se refere, entre outros aspectos, aos valores culturais de uma sociedade e não apenas aos valores religiosos.

08) A classe dominante controla os meios de divulgação do conhecimento, os meios de informação, realizando assim sua dominação espiritual sobre a sociedade.

16) As ideias da classe dominante formam uma força espiritual por serem dotadas de maior racionalidade.

**40. (UNIOESTE 2015)** 14. “Todas essas conseqüências decorrem do fato de o trabalhador se relacionar com o produto de seu trabalho como com um objeto estranho. Pois está claro que, baseado nesta premissa, quanto mais o trabalhador se desgasta no trabalho tanto mais poderoso se torna o mundo de objetos por ele criado em face dele mesmo, tanto mais pobre se torna a sua vida interior, e tanto menos ele se pertence a si próprio. O mesmo se passa na religião. Quanto mais de si mesmo o homem atribui a Deus, tanto menos lhe resta de si mesmo. O trabalhador põe a sua vida no objeto, e sua vida, então, não mais lhe pertence, porém, ao objeto. Quanto maior for sua atividade, portanto, tanto menos ele possuirá. O que está incorporado ao produto de seu trabalho não mais é dele mesmo. Quanto maior for o produto de seu trabalho, por conseguinte, tanto mais ele minguará. A alienação do trabalhador em seu produto não significa apenas que o trabalho dele se converte em objeto, assumindo uma existência externa, mas ainda que existe independentemente, fora dele mesmo, e a ele estranho, e que com ele se defronta como uma força autônoma. A vida que ele deu ao objeto volta-se contra ele como uma força estranha e hostil.”

Karl Marx. Manuscritos Econômicos e Filosóficos.

Com base no fragmento do texto acima e levando-se em conta o pensamento de Marx, é CORRETO afirmar que:

A) a palavra alienação deriva do latim *alienus* e significa aquilo que pertence a Deus. Neste sentido, é comum vermos a palavra alienação relacionada à ideia de dízimo como correspondendo àquilo que não nos pertence e, portanto, deve ser entregue a Deus.

B) Marx está falando das várias formas de alienação que acometem o homem na sociedade capitalista: a alienação econômica, social e religiosa.

C) Marx é o criador da ideia de alienação fiduciária, que corresponde à transferência, por parte do devedor, de um bem móvel ou imóvel como garantia de pagamento de uma dívida.

D) um indivíduo alienado é aquele que padece de uma doença mental grave, que o leva a ter visões distorcidas

do meio em que vive, perdendo o sentido da realidade e até mesmo levando-o a um quadro psicótico, de acordo com Marx.

E) costuma-se dizer que a televisão tem um poder alienador imenso. Não se pode generalizar essa fala em relação às novelas, já que elas, em sua maioria, podem ser consideradas mecanismos culturais de alta qualidade, importantes para o trabalhador, que passa boa parte do seu tempo entregue ao trabalho, esse sim alienador.

**41. (UNICENTRO 2014)** O trabalhador é tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais cresce sua produção em potência e em volume. O trabalhador converte-se em uma mercadoria tanto mais barata quanto mais mercadorias produz. A desvalorização do mundo humano cresce na razão direta da valorização do mundo das coisas. O trabalho não apenas produz mercadorias, produz também a si mesmo e ao operário como mercadoria, e justamente na proporção em que produz mercadorias em geral.

MARX, K; ENGELS, F. Crítica da educação e do ensino. Lisboa: Moraes, 1978. p.94.

A partir da reflexão de Karl Marx acerca do trabalho na sociedade capitalista, considere as afirmativas a seguir.

I. Com a consolidação do capitalismo, Karl Marx definiu duas classes sociais que estão em permanente conflito e em contradição na sociedade: a burguesia, detentora dos meios de produção e do capital, e o proletariado, que necessita vender a sua força de trabalho em troca de salário por não ter os meios de produção e capital.

II. O trabalho se transforma em força de trabalho quando se torna uma mercadoria que pode ser comprada e vendida. E, para que ele se transforme em mercadoria, é necessário que o trabalhador seja desvinculado de seus meios de produção, ficando apenas com a sua força de trabalho para vender.

III. Karl Marx identifica os operários como mercadoria pelo fato de estes venderem a sua força de trabalho.

Contudo, o autor apresenta perspectivas positivas em relação à sociedade capitalista, já que existem avanços em relação à sociedade feudal.

IV. Ainda que exista divisão de classes e acentuadas desigualdades sociais, na perspectiva de Karl Marx, a sociedade capitalista obteve grandes avanços, considerando que os trabalhadores passam a ser assalariados, ao contrário do feudalismo, cujas relações baseavam-se nas relações servis.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**42. (UNICENTRO 2014)** O Holocausto foi o genocídio dos judeus durante a II Guerra Mundial. “O pensamento ideológico que estava por trás daquele terrível ato que exterminou cerca de 6 milhões de judeus, que não eram reconhecidos como seres humanos, era a ideia de superioridade da ‘raça ariana’ alemã. A perseguição e o extermínio dos nazistas alemães contra os judeus ficaram conhecidos na história como antissemitismo”.

Adaptado de: SILVA, S. A. S. *Diversidade Cultural Brasileira. Sociologia/vários autores.* Curitiba: SEED-PR, 2006. p.142.

Na obra *A Ideologia Alemã*, manuscrito redigido por Karl Marx e Friedrich Engels, os autores apresentam alguns componentes básicos acerca do conceito de Ideologia.

Com base nos conhecimentos sobre essa obra, considere as afirmativas a seguir.

I. A ideologia atua como consciência falsa da realidade, porém consciência necessária aos homens em sua convivência e em sua atividade social.

II. Ideologia são as ideias da classe que domina uma sociedade, as quais influenciam toda a sua população, independentemente do grau de consciência.

III. O pensamento de Marx e Engels evidencia que as nossas escolhas estão ligadas à ideologia, ou seja, aos nossos próprios ideais, independentemente dos interesses daqueles que dominam a sociedade.

IV. É um sistema de pensamento neutro, pois não influencia na legitimação ou manutenção da ordem social existente, ou para a sua transformação.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**43. (UNICENTRO 2015)** “Proletários de todos os países, uni-vos!” – é com essa última frase que Karl Marx e Friedrich Engels concluem o livro *O Manifesto Comunista*, publicado pela primeira vez em fevereiro de 1848, em Londres.

Com base nos conhecimentos sobre o pensamento marxiano acerca das contradições e lutas de classes na sociedade capitalista, assinale a alternativa correta.

- As contradições e lutas de classes conduzem à ditadura do proletariado e à transição para a extinção das classes sociais.
- As contradições entre classes sociais produzem uma lei natural e geral de desenvolvimento equilibrado e união entre o proletariado e a burguesia.

c) As lutas de classes do proletariado correspondem igualmente às vantagens econômicas conquistadas pela burguesia no processo revolucionário.

d) Os antagonismos e as contradições entre as classes são determinados e explicados pela superestrutura jurídica e política da sociedade.

e) Os ricos e os pobres são classes que se unem e se identificam com os valores e as lutas do proletariado para a construção de uma sociedade mais justa.

**44. (UNICENTRO 2015)** Um dos aspectos essenciais do pensamento de Karl Marx é a elaboração simultânea do método de análise e de interpretação do capitalismo.

Com base nos conhecimentos sobre esse autor, quando analisa a sociedade capitalista, considere as afirmativas a seguir.

I. Aceita como verdadeiras as teorias e as teses otimistas dos economistas políticos clássicos acerca da divisão social do trabalho e seu impacto na eliminação da alienação.

II. Considera que as estruturas de apropriação econômica e de dominação política são dimensões fundamentais e combinadas que explicam as relações sociais.

III. Interpreta como o processo de mercantilização das relações sociais, as pessoas e as coisas produzem as contradições que fundamentam a transformação da sociedade.

IV. Revela como o materialismo histórico e o materialismo dialético constituem um processo teórico-prático de reflexão sobre a produção da mercadoria e da mais-valia.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**45. (2010.2)** O movimento operário ofereceu uma nova resposta ao grito do homem miserável no princípio do século XIX. A resposta foi a consciência de classe e a ambição de classe. Os pobres então se organizavam em uma classe específica, a classe operária, diferente da classe dos patrões (ou capitalistas). A Revolução Francesa lhes deu confiança; a Revolução Industrial trouxe a necessidade da mobilização permanente.

HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções.* São Paulo: Paz e Terra, 1977.

No texto, analisa -se o impacto das Revoluções Francesa e Industrial para a organização da classe operária. Enquanto a “confiança” dada pela Revolução Francesa era originária do significado da vitória revolucionária sobre as classes dominantes, a “necessidade da

mobilização permanente”, trazida pela Revolução Industrial, decorria da compreensão de que

- a competitividade do trabalho industrial exigia um permanente esforço de qualificação para o enfrentamento do desemprego.
- a completa transformação da economia capitalista seria fundamental para a emancipação dos operários.
- a introdução das máquinas no processo produtivo diminuía as possibilidades de ganho material para os operários.
- o progresso tecnológico geraria a distribuição de riquezas para aqueles que estivessem adaptados aos novos tempos industriais.
- a melhoria das condições de vida dos operários seria conquistada com as manifestações coletivas em favor dos direitos trabalhistas.

**46. (2013)** Na produção social que os homens realizam, eles entram em determinadas relações indispensáveis e independentes de sua vontade; tais relações de produção correspondem a um estágio definido de desenvolvimento das suas forças materiais de produção. A totalidade dessas relações constitui a estrutura econômica da sociedade – fundamentoreal, sobre o qual se erguem as superestruturas política e jurídica, e ao qual correspondem determinadas formas de consciência social.

MARX, K. **Prefácio à Crítica da economia política**. In: MARX, K. ENGELS F. **Textos 3**. São Paulo. Edições Sociais, 1977 (adaptado).

Para o autor, a relação entre economia e política estabelecida no sistema capitalista faz com que

- o proletariado seja contemplado pelo processo de mais-valia.
- o trabalho se constitua como o fundamento real da produção material.
- a consolidação das forças produtivas seja compatível com o progresso humano.
- a autonomia da sociedade civil seja proporcional ao desenvolvimento econômico.
- a burguesia revolucione o processo social de formação da consciência de classe.

**47. (2016.2)**

### TEXTO I

#### Cidadão

Tá vendo aquele edifício, moço?

Ajudei a levantar

Foi um tempo de aflição

Eram quatro condução

Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto

Olho pra cima e fico tonto

Mas me vem um cidadão

E me diz desconfiado

“Tu tá aí admirado?

Ou tá querendo roubar?”

Meu domingo tá perdido

Vou pra casa entristecido

Dá vontade de beber

E pra aumentar meu tédio

Eu nem posso olhar pro prédio

Que eu ajudei a fazer

BARBOSA, L. In: ZÉ RAMALHO. **20 Super Sucessos**.

Rio de Janeiro: Sony Music, 1999 (fragmento).

### TEXTO II

O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. Esse fato simplesmente subentende que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, agora se lhe opõe como um *ser estranho*, como uma *força independente* do produtor.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. (Primeiro manuscrito). São Paulo: Boitempo Editorial, 2004 (adaptado).

Com base nos textos, a relação entre trabalho e modo de produção capitalista é

- baseada na desvalorização do trabalho especializado e no aumento da demanda social por novos postos de emprego.
- fundada no crescimento proporcional entre o número de trabalhadores e o aumento da produção de bens e serviços.
- estruturada na distribuição equânime de renda e no declínio do capitalismo industrial e tecnocrata.
- instaurada a partir do fortalecimento da luta de classes e da criação da economia solidária.
- derivada do aumento da riqueza e da ampliação da exploração do trabalhador.

**GABARITO****QUESTÕES MARX**

1. a
2. a
3. b
4. a
5. e
6. a
7. d
8. a
9. c
10. a
11. 01/04/08
12. a
13. d
14. a
15. a
16. d
17. 02/08/16
18. 01/02/16
19. 01/02
20. a
21. c
22. c
23. b
24. e
25. b
26. 8/16
27. 1/2/16
28. b
29. c
30. d
31. 1/2/8/16
32. 1/2/4/16
33. 8
34. 16
35. 1/2/8/16
36. 1/2/4/8
37. 2/8/16
38. 2/4/8
39. 1/4/8
40. b
41. a
42. a
43. a
44. e
45. b
46. b
47. e